

hum effeito de amor, que se chama desmayo, o qual costuma causar a morte pella pena excessiva da falta do bem amado, mas ausente.

14. Perguntase, se a paixão do amor, & seus effeitos estão na vontade, assi mesmo as outras paixões? Respondo, que não, ainda que ha nella certos actos, que essa mesma vontade produz, os quaes se chamão com os mesmos nomes das paixões, amor, gozo, deleitação, odio, &c. A differença entre huns, & outros actos he, que os da vontade são actos espirituaes, & mais levantados, & não causão aquelle movimento corporal, que causão as paixões, donde se infere, que a intelligencia deste tratado he mui necessario pera entender as cousas espirituaes mais altas, & sublimes, que ha na parte superior.

15. Perguntase, quaes são os remedios contra o amor desordenado? Respondo, que são os seguintes. 1. Divertir os pensamentos, & sentidos. 2. Considerar as imperfeições da desordenada af-

*Escola de Oração.*

feição. 3. Considerar os danos, que nascem do tal amor. 4. Ocuparse em outras cousas, que devirtão, & destruão a desordem do amor. 5. Pôr o affecto em cousas dignas de se amarem, como são as glorias eternas as delicias, & consolações celestiaes, procurando tirar o affecto terrestre, subilo ao celeste com o favor da divina graça aniquilando com ella as cousas amaveis da terra, & levantando as mayores possessões do Cèo. Muito ajuda pera este affecto hũa maravilhosa vigia, ou sentinela religiosa, que costumão fazer as pessoas verdadeiramente espirituaes, que com toda a applicação estão considerando, que amores se movem na sua parte inferior, pera logo cortalos, com aquella elevação do coração, que atraz deixamos dito, como (ponho por exemplo) vê hum Religioso, ou outra pessoa, que outros homens o estimão, & honrão, & com esta estimação logo se sente mover interiormente com amor àquella estimação humana, neste caso corte logo aquella paixão, levan-

levantando com presteza o coração à eterna honra, dizendo consigo, longe se aparte de mim o cõtentarme desta gloria vãa, o que eu pretendo, & quero he a verdadeira, & eterna, q̃ com o desprezo desta terrestre se alcança.

16. Perguntase, que cousa he odio? Respondo, que com a doutrina que fica dita, quanto do amor, se pòde julgar da doutrina do odio, em quanto a essencia, causas, effeitos, & remedios d'elle, & quanto a essencia, odio, conforme S. Thomas 1. 2. *quest.* 29. *art.* 1. he hũa defuniaõ do appetite daquellas cousas q̃ se julgaõ, & estimaõ, por mãs, & danosas.

17. Perguntase, quantas maneiras ha de odio? Respondo, que se divide em odio, abominaçaõ, ou fuga; & em odio de enemidade. Este segundo he quando o appetite quer fazer, que outrem faça mal à pessoa, que aborrece: O primeiro não se move com perseguiçaõ contra a cousa aborrecida, se não com contradicçaõ a ella.

*Escola de Oração.*

18. Perguntase, quaes são as causas do odio? Respondo, que as causas geraes do odio são as contrarias às do amor. A 1. he imperfeição que se oppoem à bondade, & a fealdade se oppoem à fermosura. A 2. à de semelhança. A 3. he a malquerença, que a pessoa aborrecida tem contra quem a aborrece. A 4. as más correspondencias, como são injurias, perseguições, &c. Tambem ha muitas cousas em particular que fazem as pessoas odiosas, & aborreciveis, principalmente os vicios, & particularmente os que sahem a publico, porque mais offendem aos proximos.

19. Perguntase, quaes são os effeitos do odio? Respondo, que são os movimentos contrarios àquelles effeitos do amor, q̄ são extasi, união, &c. Os quaes são notorios, & qualquer pessoa poderá conhecelos pello que se ha dito acerca dos effeitos do amor.

20. Perguntase, quaes são os remedios contra odio? Respondo, que tambem os remedios se tiraõ pella dita contrariedade.

riedade, ou semelhança. Em o 1. remedio em parte convem às duas paixões contrarias, que afsi no amor, como no odio desordenados he necessario devirtirse dos pensamentos, que movem estas paixões, mas não concordão em tudo, porque muitas vezes a paixão do desordenado odio se cura, & remedeia com animarse a communicar com a pessoa aborrecida, como a experiencia o mostra, principalmente quando o odio se funda em algũa falsa imaginação. O 2. remedio he considerar as perfeições da pessoa aborrecida, contrapondo as imperfeições verdadeiras, ou imaginadas, q̄ nella se representaõ, & quando lhe faltase todo o motivo de amor, não lhe faltaria o ser amada de Christo S. N. que tanto com seu exemplo encarreo, & com doutrina ensinou o amor do proximo. O 3. he semelhante ao remedio aplicado ao desordenado amor, que saber considerar os danos, que se seguem do odio desordenado. O 4. he tambem semelhante a este, que he occuparse

*Escola de Oração.*

parse em diversas cousas pera não dar lugar a pensamentos varios, & à desordenada paixão. O 5. he propor ao appetite as cousas verdadeiramente dignas de odio, como a condenação eterna, a fealdade do peccado, &c. & ir applicando o odio a estas cousas peccaminosas, & aborreciveis a sua divina Magestade, porque com esta applicação se poem freo às desvoltas paixões pera que não abominem as cousas que lhe desagradão por asperas, & penosas: a qual diligencia se bem logra, & alcança o que pertende com as boas, & santas considerações, & com as forças, & luz da divina graça, q̄ faz conhecer as cousas, que são verdadeiramente aborreciveis, & odiosas, reprovando as que são desconcertadas, & que trazem consigo o pendor da culpa.

21. Perguntase, que cousa he a paixão da concupiscencia, ou desejo? Respondo, que a segunda paixão, que immediatamente se segue ao amor, & se chama concupiscencia, ou desejo, he hum movimento do appetite acerca do bem futuro

ro sensível de maneira q̄ he como húa extensaõ do amor. Porque o bem tanto que se julga por conveniente, faz a primeira impressaõ, que he aquella cõplacencia, ou inclinaçaõ, que chamaõ amor, & despois o appetite se estende atè o bem que se ama; & este movimento extensivo, & continuado he a paixãõ da concupiscencia.

22. Perguntase, quantas maneiras ha de concupiscencia, ou desejo? Respondo, que as concupiscencias saõ de duas especies, conforme Aristoteles ao 3.  
 etic. cap. II. & o I. *Reth. cap. II.* Algũas se chamaõ naturais, & irracionais, que saõ as que nascem da mesma natureza, ou compleiçaõ do animal: convem a saber as de comer, beber; outras se chamaõ naturais, ou racionais, & saõ as q̄ se seguem, à estimativa, em quanto o homem julga, que este, ou aquelle bẽm lhe convem pera nelle se deleitar. As primeiras saõ commũas com os brutos, as segundas saõ proprias dos homens, os quaes pella faculdade cogitativa, que se

*S. Thom.*

1.2. q. 30

art. 3.

73  
*Escola de Oração.*

chama rezão particular, podem formar das cousas particulares noticias, àquellas que não alcançãõ a estimativa dos brutos, v.g. podem os homês julgar com a sua estimativa, por estas, ou por aquellas circunstancias, que esta, ou aquella honra lhes convem, & por esta causa a desejião, o q̃ não pòdem fazer os brutos, ainda que nelles se vejão rastos de estimar a honra, como se vè nos Elefantes.

23. Perguntase, se as concupiscencias, ou desejos sãõ finitas, ou infinitas? Respondo, q̃ as concupiscencias naturaes sãõ finitas, as sobrenaturaes sãõ infinitas, como advirtio Aristoteles 1. *Polit. cap. 6.* o qual se prova com a moderação em suas concupiscencias, os quaes chegãõ a certo termo donde não passãõ: Mas os homês passãõ muito àlem dos termos como se vè claramente na cobiça, & desejo do ouro, honras, & riquezas, &c.

24. Perguntase, quaes sãõ as causas de concupiscencia, ou desejo? Respondo, que sãõ as mesmas que se descobrem no amor.

25. Per-

*S. Thom.*

1. 2. q. 30

art. 4.



25. Perguntase, quaes são os remedios da concupiscencia? Respondo, que são os mesmos, que os do amor, aos quaes se ajunta tres remedios principaes. O 1. cortalas logo nos principios. O 2. meditar na morte, &c. O 3. considerar não tanto o principio, se não os desaventurados fins das desordenadas concupiscencias, & desconcertados desejos.

26. Perguntase, que cousa he fuga, ou fugida? Respondo, que a paixão oposta à concupiscencia, ou desejo, conforme S. Thom. 1.2. *quest.* 30. *art.* 2. *ad* 3. não tem nome proprio, se não que nos servimos do nome cômum das paixões, que consistem na fugida d'algum mal a que chamamos fuga, ou abominação, pera significar o movimento do appetite, que se oppoem ao movimento da concupiscencia, ou desejo. Digo que nos servimos do nome commum de fuga, ou abominação, porque debaixo destes nomes se comprehendem, & declarão todas as paixões, que consistem em algũa contradição, ou fugida, & aborrecimen-  
to

*Escola de Oração.*

to do mal. Esta paixão de fuga he hum movimento, que consiste em desviar-se, & ausentar-se do mal, que aborrece, & hũa como extenção do odio, assi como tambem temos dito, que o desejo, ou concupiscencia he hũa como continuação extensiva do amor.

27. Perguntase, quaes são as causas, & remedios da fuga? Respondo, que são os mesmos, que os do odio: os quaes são tão faceis de aplicar pera qué tiver entendida a sobredita doutrina quanto ao odio, que não he necessario determonos em repetilos: se não que aquelle que aborrece desordenadamente, tambem foge desordenadamente das cousas que não devia aborrecer, nem fugir, como claramente se vê pello que passa na doutrina religiosa, porque quando hum sujeito aborrece o trabalho, não se contenta com só aborrecelo, se não tambem procura fugir às occasiões donde se lhe pòde offerecer, ou o pòdem mandar: & he necessario pelejar varonilmente, offerecendo-se às occasiões, pera que a alma

ma

ma não vâ recalcitrando, & descaindo nas obras do seruiço do Senhor, atè dar em despenhado precipicio.

28. Perguntase, que cousa he deleitação? Respondo, que a deleitação, ou gozo he hum movimento da concupiscencia acerca do bem presente, & termo do amor, porque com o amor se inclina o apetite à cousa amada, despois com o desejo crece, & se multiplica atè chegar a ella, & finalmente quando a tem presente repousa, & descança nella com hum acto, que se chama deleitação nos animaes, & no homem se chama gozo; porque se segue a apreheensão da cogitativa, que chamão rezão particular. Esta paixão, quando he desordenada he malíssima, & causa nalma gravissimos danos.

29. Perguntase, quaes são as causas de deleitação? Respondo, que as causas são todas as cousas, que se amão, & desejão, porque estas mesmas quando estão presentes, & se gozão, deleitão, & no mesmo tempo que se ausentão rompem

*Escola de Oração.*

pem em desejos, & presentes causaõ a-  
legria.

30. Quaes são os effeitos da deleita-  
ção? Respondo, que são os seguintes.  
O 1. hũa dilatação, & continuação com a  
qual o coração se alarga pera receber o  
bem que o alegra. O 2. he hũa sede, ou  
desejo, quando o bem que se goza não  
farta, nem de todo satisfaz, ora seja por  
ser pequeno, & insufficiente, como se vê  
nos bens transitorios, ora seja porque a  
operação d'alma he imperfeita, ainda q̃  
o bem seja perfeito, como se prova pel-  
la imperfeição das operações d'alma  
nesta vida, acerca de Deos N. S. que es-  
ta he a causa, de que os deleites, que se  
recebem do conhecimento de Deos, &  
das divinas cousas, causaõ mayor sede;  
porq̃ sendo nossa operação tão imper-  
feita, como he, não acaba de gozar per-  
feitamente o muito que ha de gosto na-  
quelle perfeitissimo, & infinito bem.  
Tambem se diz universalmente, que  
toda a deleitação ainda a que se recebe  
na gloria, gera sede, entendendo por  
sede,

sede, húa vontade, ou affecto, de inclinar-se ao bem que se goza. O 3. effeito he contrario ao 2. quando a alma levada do desejo passa dos termos, & excede as regras, que devia guardar, como acontece nas corporaes deleitaçoës, como, v g. quando hum homem com o gosto dos manjares come demasiado, & dali se segue ficar com fastio: Ao contrario do gosto dos bens espirituaes, como notou S. Gregorio na Homilia 36. sobre os Evangelhos. Advirtase que nos deleites espirituaes, cóforme S. Thom. 1. 2. *quest.* 33. *art.* 2. nunca, quanto he da parte delles, ha excessõ, nem as operaçoës d'alma acerca delles passaõ os devidos termos. Mas accidentalmente se pôde dizer, que algúas vezes os excedem, & continuão, por rezão das corporaes operaçoës, que juntamente concorrem có aquelles deleites espirituaes, que debilitão as forças, & enfraquecem o corpo. O 4. effeito he que impede o perfeito conhecimento, o que se ha de entender, quando a deleitaçoão he diversa

*Escola de Oração.*

versa operação do conhecimento como ensina Aristoteles *lib. 6. Ethim. cap. 5.* S. Thom. 1. 2. *quest. 33. art. 3.* porq̃ quando a deleitação nasce do mesmo conhecimento, entãõ o faz mais perfeito. O 5. effeito da deleitação consiste em aperfeiçoar a operação donde nasce, como diz S. Thomas na questaõ allegada *art. 4.* Aristoteles 10. *ethic. cap. 4. & 5.* A rezãõ deste effeito he, porq̃ o gozo, & deleitação com a doçura que sente, obriga, & incita o operante pera que obre com mayor intensaõ: no que se ha de notar, & advirtir, he louvar muito ao Senhor, & a sua Divina Providencia, que por esta rezaõ poz deleites nas operaçoẽs, necessarias pera que sendo boas se não deixassem, & sendo mãs se desprezassem.

31. Perguntase, quacs são os remedios da deleitação & gozo? Respondo, que antes que se chegue ao seu acto, são os mesmos remedios, que se daõ pera o amor, & concupiscencia. Mas quando já actualmente se goza, se essa deleitação he

he elicitá o remedio he desistir della, mas se he licita o remedio he moderála pera que não exceda os termos da razão, pera o q̄ convem muito unir-se com o santo temor de Deos nas considerações do juizo, morte, & inferno, ou a lembrança da gloria, como fica dito da concupiscencia: Com as quaes considerações costumão os servos de Deos cõpor, & refrear a furia de appetite, propõdolhe, & lembrãdolhe as penas da outra vida, & os deleites perduraveis da eterna, q̄ são tanto mais mayores, quanto mais gozão da divina vista. De maneira, que ainda quando comem, & fazem semelhantes cousas necessárias pera cõservar esta vida, pera não sentir, ou ao menos, pera moderar o gosto, que dellas se recebe, se divertem, procurando levantar, & aplicar o pensamento, & co-ração nas celestiaes delicias.

32. Perguntase, que cousa he dor, ou tristeza? Respondo, que a dor, ou tristeza, he a ultima paixão da concupiscivel, he hum movimento, com o qual o ape-

tite se afflige, perturba, & inquieta com a afflicção do mal presente; Digo presente, ou real, ou imaginariamente, ao contrario da deleitação, com a qual o appetite sente descanso pella posse do bem presente, ou esperado.

33. Perguntase, quantas maneiras ha de dor? Respondo, que duas. Húa, que se segue a apprehensão, & lembrança sensitiva com a estimação da desconveniência, a qual pode acharse alem do homẽ em outros animaes. A outra, que se segue à potencia cogetativa, que he propria do homem, a qual mais propriamente se chama tristeza, & tem com a dor a proporção, que o gozo tem com a deleitação, como ensina Santo Thomas 1. 2. *quest.* 34. *art.* 2. Divide se tambem em dor interior, & exterior. Interior se chama aquella, que se segue somente a apprehensão interior d'algum mal, que repugna ao appetite: Exterior se chama aquella que segue, não somente a apprehensão interior, se não tambem a apprehensão dos sentidos exteriores do mal,

que



que realmēte faz algũa molestia ao corpo. Depois disto se divide em dor, que he proprio do homem; & se chama tristeza, em muitas maneiras, q̄ ha de tristeza, como saõ misericordia, enveja, angustia, ansia, nemesis, penitencia, accidia, & zelo. Misericordia he tristeza do mal alheo julgado, como proprio; enveja he tristeza do bem alheo, sentindo delle, como de proprio mal. Angustia, ou ancia, he tristeza, que de tal maneira agrava, que parece se não pode evitar. Accidia he hum dos males que aperta de maneira, q̄ impede o uzo dos membros. Penitencia he tristeza do mal proprio; Nemesis he tristeza do bem temporal alheio, em quanto o reputamos por mal empregado na pessoa, q̄ o tem. Zello, he tristeza do bem alheio em quanto o considera falta aquelle que o zella.

34. Perguntase, quaes saõ as causas da dor, ou tristeza? Respondo, que saõ diversas, como não alcançar o desejado bem, perder aquelle bem que já se pos-

*Escola de Oração.*

fulia, concorrer naquelle inconveniente, que se temia, a dilação do bem, que se deseja, & outras muitas cousas verdadeiras, ou imaginadas, & algũa vez sem causa por achaque corporal, ou operação do demonio. Podemse tambem cõtar entre as causas da tristeza, os sete modos, & como especies de tristeza explicadas no num. precedente.

35. Perguntase, quaes são os effeitos da desordenada tristeza? Respondo, q̃ são diversos, como ensina Santo Thomas 1. 2. *quest.* 37. O primeiro effeito he, que quando a tristeza he demasiada de tal maneira carrega a alma, & corpo, que impede ao obrar do entendimento com tanta vehemencia, que muitas vezes fica o entendimento amortecido, & por algum espaço privado do acto intellectual, & neste caso se ha de ponderar, o que advertio Santo Thomas *question.* 37. de S. Gregorio, que pella tristeza que tinha deixou, & interrompeo a exposição de Ezechiel. O 2. a tristeza debelita todas as outras operações, q̃ se

se obrão em quanto ella dura. O 3. he capital inimiga do espirito, tanto, que he commum parecer das pessoas espirituales, que não ha paixão, que tanto dane assi a alma; como o corpo. São Bernardo no livro *de interiori domo cap. 52.* diz: *Tristitia omnis boni impedimentum est.* E por esta causa he digno de ponderação aquelle conselho do *Eccl. cap. 30.* *Tristitiam longe expelle à te, multos enim occidit tristitia, & non est utilitas in ea,* o que se entende na tristeza preversa; porque tambem ha algũa tristeza boa, que o Apostolo 2. *Corinth. 7.* chama tristeza conforme Deos nosso Senhor a quer, à qual elle mesmo chamou tristeza do seculo; daquelle (diz o Apostolo) *Penitentiam in salutem stabilem operat.* Obra hũa penitencia firme pella faude de tua alma: Desta diz, *mortem operatur:* Causa morte. A tristeza que por amor de Deos se toma, ou he pellos peccados cometidos contra sua Divina Magestade, ou pella dilacão de ver ao mesmo Senhor, & outras seme-

*Escola de Oração.*

lhantes: as quaes quando muito crescem se hão de moderar.

36 Perguntase, quaes são os remedios da tristeza? Respondo, que os remedios contra a tristeza perjudicial, & danosa, particularmente se hão de aplicar contra nossa mà estimação, ou opinião, porque ordinariamente procede muitas vezes a tristeza mais da nossa estimativa, & imaginação, que do mal succedido, a cujo respeito estamos tristes, como por experiencia vemos, que hũa cousa, que antes nos causava tristeza, como a perda da fazenda, ou dos filhos, passado algum tempo em meyo já não causa tanta tristeza, por rezão, que já a opinião, & imaginação fez mudança; & não o mal, em que não ouve mudança; o q̄ advertio Cicero na questãõ 3. *Tusculana*. Os remedios são os seguintes. Primeiro, prevenir o mal, que nos pode vir antes que chegue, porque quando chega he menos sentido. 2. Quando chega o mal, & se padece, considerar, que com elle se offercem occasiões de gran-

grangear numerosas riquezas espiri-  
tuaes, que saõ as excellentes virtudes,  
paciencia, humildade, fortaleza, &c. O  
3. Considerar, o que padecẽrão huns,  
& padecem outros, quiça com menos  
peccados: Porque entrando a alma na-  
quella companhia, & communicaçõ  
dos atribulados, & affictos vem a ser a  
tristeza sofrivel, & toleravel. O 4. Ad-  
vertir, que por dar lugar à tristeza não  
se remedeia o dano, antes se multiplica,  
& aumenta. O 5. He lembrar-se das tri-  
bulaçoẽs passadas, considerando, que a-  
quelle soberano Senhor, & Pay das Mi-  
sericordias, que então lhas remedeou,  
tambem agora lhe não faltará com seu  
emparo.

6. As lagrimas de ordinario deminuẽ  
a tristeza, porẽm aja prudencia em der-  
ramalas; porque nem por serem muitas  
tirão o mal, que o affige. O 7. A con-  
sideraçã dos danos, que a tristeza cau-  
sa, de que tratamos a sãima entre seus ef-  
feitos. Geralmente fallando, tudo o q̃  
he delectavel, he grande alivio pera di-

*Escola de Oração.*

minuir a tristeza, por esta causa deseirão os melencolicos mais que outros os deleites, & passatempos, como notou Aristoteles 7. *Eth. cap. 14.* Acerca destes remedios da tristeza se hão de notar as muitas ajudas de custo, que ha no estado Religioso contra a tristeza, principalmente pella grande charidade, cõ que os Religiosos huns a outros se alivião, tomando sobre si as afflicções dos atribulados, ajudandoos a continuar cõ a carga em q̃ se considerão agravados.

*Das paixões da irascivel.*

37. **P**erguntase, que cousa he esperança? Respondo, que he a primeira paixão da irascivel, que se chama esperança, he hum movimento do appetite, que se inclina ao bem arduo, & difficultoso de alcançar, ainda que possivel. He como hũa elevação do coração, que ajuda muito pera o alcance das virtudes, quando essa elevação se inclina a bons, & santos objectos.

38. Per-

38. Perguntase, quaes são as causas da esperança? Respondo, que são as que communicão faculdade, & poder, pera alcãçar o difficultoso bem, como as forças corporaes, engenhão a industria a favor dos Princepes, &c. & tambem as que conduzem a crer, & considerar, que o bem que se deseja he possivel, & como tal alcançarse. E por esta rezão disse Aristoteles 3. p. *Eth. cap. 8.* q̄ aquelles, que do vinho se turbão tem muita esperança, como tambem os moços de robustar praças, como ensina S. Thomas 1. 2. *quest. 40. art. 6.* Nacem da ignorancia, & pouca consideração das difficultades, & de pouca experiencia. Que por esta causa se persuade facilmente, q̄ poderão alcançar o que desejão. E tambem o calor da idade juvenil, & do vinho ajuda a crer o que parece difficultoso de alcançar, ainda que possivel, & com o calor se achão mais alegres, & fortes pera acometer todas as difficultades, que podem ocorrer no alcance do amado bem, q̄ pretendem. Mas fal-

## *Escola de Oração.*

lando espiritualmente, a consideração do divino favor, que nunca falta, ao que de veras se dispõe a hũa couia efficacissima, pera despertar a paixão da esperança, a cousas difficultosas boas, & santas. Isto succede principalmente quando ha precedido experiencia de haver já vencido maiores difficultades com o divino favor.

39. Perguntase, quaes são os effeitos da esperança? Respondo, que são o primeiro alegrar, o segundo fortalecer pera novos trabalhos, o terceiro fazer as pessoas expeditas, & diligentes pera grandes emprezas: dos quaes effeitos ha quotidianos exemplos, & mui notorios, nas vãs esperanças do mundo, & não menos nas boas, & santas da escola de Christo nosso Senhor.

40. Perguntase, quaes são os remedios da desordenada esperança? Respondo, que são, o primeiro considerar a vaidade dos bens mundanos, o segundo considerar os exemplos de tantos que havendo posto sua esperança nos homens,



mens, viverão, & morrerão miseravelmente, o terceiro exercitar esta paixão, ou applicala em ordem a outros objectos de verdadeiros bens, como são as virtudes, & a eterna bemaventurança. Este terceiro remedio he importantissimo, & as pessoas espirituas devem praticar com muita estimação, & fazendo do muito caso delle, & representandose-lhe na imaginação difficultosos casos, & quanto mayores, mais devem espertar a esperança em ordem a elles, levantando o coração a Deos nosso Senhor; dizendo com o Apostolo: Tudo posso em nome daquelle que me conforta.

41. Perguntase, que cousa he desesperação? Respondo, conforme S. Thomas 1.2. *quest. 40. art. 4.* he hum movimento do appetite, que quasi vencido, com a difficultade de alcançar algũa cousa, q̄ pretende desmaya, & della se retira, tendo por impossivel alcançala; por esta palavra (alcançar) entendemos a victoria da difficultade, que se offerece, assi pera conseguir o bem, como pera evitar

*Escola de Oração.*

41. Evitar o mal, porque de ambas estas duas maneiras se move a desesperação ao contrario da esperança, que tambem se move pellos mesmos dous motivos, julgando, & confiando de sahir com victoria na sua empresa.

42. Perguntase, quaes são as causas da desesperação? Respondo, q̄ são as contrarias às da esperança. 1. A insufficiência, ou falta das forças, engenho, amigos, ou favores dos grandes, &c. 2. A estimação, ainda que falsa, de sua fraqueza, & insufficiencia, a qual a muitos desanima, que na verdade tinham sufficiencia de forças, & de industria, &c. 3. A desconolação, & desemparo interior, principalmente quando se ajunta com húa mà consciencia. Daqui nace, que muitos mundanos vivem, como à desesperado, & lhes parece, que quando lhe fallão, & tratão de sua salvação julgão, que aquillo he pera elles cousa fora de preposito. Ha outros, que ainda que não dão tanto lugar à desesperação, padecem com tudo hum desmayo do coração nas materias

terias espirituaes muito grande, & penoso pera elles, vendo que depois de largo tempo, & de muitas pelepas passadas dentro de seu espirito, ainda assi estaõ em pè, & sem renderse ás paixões, & que não acabão de vencer a difficuldade das virtudes. Estes taes tem muita necessidade de fazer todas as oras muitos remedios, pera que de todo se não percão, nem dêm com sua alma nos baixos da desesperaçãõ.

43. Perguntase, quaes são os effeitos da desesperaçãõ? Respondo, que são os contrarios aos da esperança; Isto he, q̃ o 1. He entristecerse, o 2. Enfraquecer, o 3. Fazer a alma tardia, & parvoa, & o corpo como paralitico.

44. Perguntase, quaes são os remedios da desesperaçãõ? Respondo, que os remedios deste mal quanto aos bens, & pertençaõs da terra não fazem a nosso preposito, porque não queremos esperar em homens mortaes, & em falsos bens; antes supomos, como certo, que as pessoas espirituaes desprezãõ os taes bens,

## *Escola de Oração.*

bens, como caducos, & de nenhum valor, tirando delles toda a lembrança, & estimação, julgando prudentemente, que não são estes os bens, que elles buscão, se não aquelles, que na eternidade gozão, os que ao Senhor nesta vida feruem; & assi os remedios que buscamos, são pera quando a desesperaçõ, ou demaya o animo em rezão dos espirituaes, ou temporaes bens, que se ordenão aos eternos. Pois nestes casos se ha de reprimir a paixão da desesperaçõ, despertando, alentando a paixão da esperança, valendose dos remedios principaes, que são pòr em hum a consideraçõ dos exemplos de outros, que em casos, que parecião não esperados sobrepojarão as difficuldades, & alcançõ, o que pia, & santamente pertenderão: o outro he a consideraçõ da bondade, & misericordia de Deos nosso Senhor, que nunca falta nas cousas necessarias pera nossa salvaçõ: & muitas vezes ha mostrado com claros exemplos da divina Escritura, que se glorifica sua Divina Magestade.

Magestade em favorecer aos que nelle esperão, & confião: Quando as cousas estaõ , & parecem mais difficultosas ao juizo dos homens.

45. Perguntase, que cousa he valor, ou ousadia? Respondo, que he hum movimento do appetite, com que pertende alcançar o bem difficultoso. Esta paixãõ diz Santo Thomas 1. 2. *quest.* 45. que he como hum crescimento, ou continuação da esperança, & juntamente com ella olha ao bem difficultoso julgando por impossivel o seu alcance.

46. Perguntase, quaes saõ as causas do valor, ou ousadia? Respondo, que do assima dito, se segue, que taõ as mesmas, que as da esperança, & assi a força, o engenho, & outras cousas semelhantes, que dão animo, & esforço pera fazer grandes cousas, & a estimação, ou presunção, que o homem imagina tem pera sahir com ellas a publico, esper-taõ a paixãõ da ousadia, ou valor, concorrendo principalmente o divino favor.

Como notou Aristoteles

lib.

*Escola de Oração.*

*lib. 2. Reth. cap. 5.* dizendo que aquelles são mais alentados, & animosos, que estão mais bem dispostos, & ordenados, quanto às divinas cousas, que esperão alcançar. A rezão he, porque estes taes mais firmemente confião, que lhe não ha de faltar o divino favor. E por isso diz o mesmo Aristoteles no lugar citado assima, que aquelles, que são mortificados, & desprezados se esforçao, & animão mais pera padecerem, porque crem, que Deos nosso Senhor favorece aos atribulados, & afflictos.

47. Perguntase, quaes são os effeitos da ousadia, ou valor? Respondo, que são frio, & tremor dos membros exteriores, como notou Santo Thomas 1. 2. *quest. 45. art. 4.* & recolherse o calor natural ao coração, como notou o mesmo *question. 44. art. 1. ad 2.* Advirtase, que os que com a subita, & repentina apreheensão se lançao, & arrojão aos perigos sem madura deliberação ao principio per-valecem: mas em continuar a empreza são inconstantes, como apontou Aristoteles

teles 3. *Eth. cap. 7.* o que procede da novidade, & pouca experiencia da difficuldade mal prevenida, & mal acautelada, mas naquelles que precedendo a devida deliberação, despertaõ em si a ousadia, & valor, são mais fortes, & constantes no padecer, ainda que no principio mostrem temor, ou tremão; porq̃ quando estão no perigo não tem por novidade as difficuldades, q̃ se lhe offerecem, porque d'ante mão as considerão, & com animo de vencelas as buscãõ. O valor, & ousadia santa tem bons efeitos spirituaes, como instrumento da fortaleza, & magnificencia de seu animo; & ao contrario quando não tem este fim, se não que se aplica a cousas indecentes, porque entãõ são os efeitos pessimos por extremos.

48. Perguntase, quaes são os remedios da desordenada ousadia? Respondo, q̃ são os mesmos que os da desordenada esperança, porque naquelles casos, em que não he justo q̃ esperemos, taõ pouco não he bem que nos atrevamos; &

*Escola de Oração.*

quando convem moderar, & reprimir a  
esperança, muito mais convem reprimi-  
mir, & moderar a ousadia. A confide-  
ração também da vaidade dos bens ter-  
renos, por cujo respeito não he conve-  
niente arriscar a grandes perigos, & os  
exemplos de quam mal custuma succe-  
der, aos que são desordenadaméte atre-  
vidos, & arrojados, & também o exer-  
cicio da paixão contraria, que o temor,  
são bons remedios contra a desordena-  
da ousadia. Também ajuda muito a des-  
pertar, & ocupar a ousadia, a fim de ou-  
tros objectos, ou difficuldades, cujas vi-  
ctorias são uteis, & santas, à imitação  
dos Santos martyres, & confessores, que  
forão santamente fortes, & valerosos,  
pera exercitarem actos de excellentes  
virtudes.

49. Pergunta se, que cousa he paixão  
de temor? Respondo, que está posta no  
apetite, com horror, & espanto de algũ  
mal eminente, & que se teme succeda,  
& cresça se possa evitar, porque se este  
mal se não cresça, não se movèra a pai-  
xão



xão do temor, se não moverase a tristeza, que essa ve o mal presente. E por esta razão disse Aristoteles 2. *Reth. cap. 5.* que aquelles, que logo hão de ser justificados, ou mortos não temem, mas antes se entristecem, porque a morte se lhes representa certa, & chegada. Diz tambem, que os males, que de longe se representaõ não são temidos, v. g. a morte, que se não teme, quando longe se considera, & por vir se imagina. Mas não se pode negar, que neste caso deixará de haver temor, ainda que pouco: conforme Santo Thomas 1. 2. *quest. 42. art. 2.* & seria razão, que este temor não fora pequeno, mas antes he justo seja muito grande, pois cada ora se ve que morrem pessoas de toda a idade quando menos o imaginavaõ.

50. Perguntase, quantas especies ha de temor? Respondo, que o temor, como outras paixões se podem dividir em natural, & racional; & o racional, que se segue a apprehensãõ, & discurso do hemẽ, se divide em seis especies, conforme S.

*Escola de Oração.*

Thomas 1.2. *quest.* 41. *art.* 4. A 1. Espécie se chama preguiça, ou froxidão, q̄ he hum temor do trabalho, que parece excede às nossas forças. A 2. He a vergonha, que he temor de perder a reputação, & boa opinião por algũa culpa já cometida. A 3. He pejo, que he o mesmo que temor de perder o bom credito, & fama, por algũa culpa, que está para se cometer. A 4. He admiração, que he temor de algum grande mal de que não sabe o modo, como d'elle escapará. A 5. He stupor, ou assombro, que he temor de algum mal, que por ser novo, & não experimentado, se teme a sua grandeza. A 6. He agonia, q̄ he temor de algum mal, ao qual, o que teme não pode resistir. Estes seis nomes, se costumão tambem uzar em outras significações.

51. Pergunta se, quaes são as causas de temor? Respondo, que se podem comprehender em poucas palavras, dizendo com Santo Agostinho *lib.* 83. *questionum quest.* 3. & com Santo Thomas 1.2. *quest.* 43. *art.* 1. que todo o temor  
nace

nace do amor, ou concupiscencia do bẽ contrario àquelle mal, que se teme. O qual se ha de entẽder, quando à pessoa, q̃ teme faltão forças pera evitar aquelle mal, ou soffrelo com fortaleza. Pello que diz Aristoteles 2. *Reth. cap. 5.* & Santo Thomas na questãõ allegada *art. 2.* que tanto he hum menos forte, quanto he mais poderoso, & tem mais ajuda de amigos, & riquezas, &c. & ao contrario. Os que são mais desemparedados das ajudas, & forças humanas, estes são mais fogueitos ao temor. E daqui se segue, que os que tem mã consciẽcia são mui oprimidos do temor por quanto lhes falta o poder, & esforço da divina graça, & amidade de Deos nosso Senhor: *Sapientia 17. Semper præsumit se va, perturbata conscientia*, quer dizer: A mã consciencia sempre pronostica males terriueis. Porém o contrario passa na boa consciencia.

52. Perguntase, quaes são os effeitos do temor? Respondo, que são os seguintes. O 1. Se o temor he moderado a-

*Escola de Oraçãõ.*

viva o entendimêto, pera se aconselhar, conforme Aristoteles, & Santo Thomas, em quanto faz, que aquella obra seja mais perfeita, tanto, quanto pende da applicaçãõ d'alma, & por isso aconselha o Apostolo aos Philipenses. 2. Que obremos nossa saude com temor, & tremor, dizemos nossa salvaçãõ. 3. Por outra rezaõ empede o temor a perfeiçãõ das obras, em quanto causa tal movimento no corpo, que com a frialdade se aperta o coraçãõ, & por essa causa o tremor nos membros exteriores empedem a obra exterior. O 4. Causa sede, como advirtio Aristoteles *Sec. 27. Problem. quæst. 8.* dizendo, que o frio dos q̄ temem, porque o calor, & quentura desempara superiores, a sede, porque falta a humidade. Mas fallando espiritualmente o temor desordenado causa n'alma maos effeitos de cobardia; de fuga, da disciplina Religiosa, &c. E o temor bem ordenado causa bellissimos effeitos de cautella espiritual, & de observancia, &c.

53. Perguntase, quaes são os remedios contra o desordenado temor? Respondo, que são os mesmos que acima dissemos do desordenado amor, & concupiscencia, de sorte, que o que não ama, nem deseja desordenadamente contra o principio do temor, porque nada teme, se não o que he contrario, ou o que o priva daquillo, q̄ ama, & deseja. 2. Seruem tambem pera o temor os remedios que se tem applicados, pera a dor, & tristeza, porque o que sofre com paciencia os males presentes pellos quaes se move a tristeza, estará bem disposto, & preparado pera não temer desordenadamente os males eminentes, pellos quaes o temor se desperta.

Tambem alenta muito a alma, a consideração da nobreza, & fermosura da virtude, que resplandece nos que estão com hum coração pacifico, & magnanimo, quando se lhes offerece padecerem alguns trabalhos, & perigos. 4. He conveniente remedio o cuidar, & buscar rezoões pera deminuir o temor; porq̄ or-

dinariamente o mal que se representa he menor do que se espera. Finalmente muito anima a consideração do divino favor, que ao humano coração anima, & fortifica.

54. Perguntase, que cousa he ira? Respondendo, q̄ he hum movimento do appetite, com o qual se move a tomar vingança do mal, que lhe hão feito, & adverte à retribuição desse mesmo mal como a seu proprio objecto. Pera intelligencia desta paixão se ha de notar, q̄ o mal quando está presente em rezão de presente não causa na irascivel ira movimento algum, se não move a concupisivel com movimento de tristeza, a qual he, aquella, que directamente ve o mal presente; mas com tudo isso excita, & inquieta a iracivel em outro movimento, que he a paixão da ira, q̄ não attende ao mal, se não à vingança por aquelle mal, & injuria recebida, considerando, & vendo nella, como húa certa apparencia de rezão, como se em rezão estivera posto fazer aquella igualdade, & fazer mal,



mal, aquem mal lhe ha feito, & por isso disse Aristoteles *Eth. 7. cap. 6. Iram cõsequit aliquoaliter rationem*, quer dizer: a ira em algũa maneira segue a rezão, mas aparente.

55. Perguntase, quantas maneiras ha de ira? Respondo, que se custuma dividir, conforme S. Thomas 1. 2. *quest. 46. art. 8.* em ira que se chama fel, que he aquella, que subitamente se acende; & em (mania) que nasce da ira permanente, & dilatada, & em furor, que já mais se tira atè, que a vingança se execute.

56. Perguntase, quaes são as causas da ira? Respondo, que no homem se podem todas reduzir a desprezo, porque parece, que he commum a todas, que o homem irado, & colerico funda a sua ira em cuidar, que o desprezão, ou que em pouco he estimado por ellas. Conforme Santo Thomas 1. 2. *quest. 47. art. 2.* Aristoteles 2. *Reth. cap. 2.* Plut. *lib. de ira cohibenda.* Donde se segue, que quanto hũa pessoa he mais excellente tanto mais se custuma indignar, porque

Lhe parece mais grave a injuria, q̃ imagina, se lhe faz, ainda que pello contrario as faltas da excellencia, & comodidades mundanas custuma fazer aos homens mais agastados em quanto essas faltas causaõ nelles tristeza, donde a ira procede. Donde vem, que os affligidos com afflições, molestias, & enfermidades, se agastão mais facilmente, como notou Santo Thomas 1.2. *quest.* 47. *art.* 3. & Aristoteles *lib.* 2. *Reth.* *cap.* 2. Tambem incita muito a ira a baixeza da pessoa que injuria, ou irado; donde se segue, que a divina indignação contra o peccador se ha de julgar por infinita, comparando a baixeza do peccador, cõ a Divina Magestade de Deos nosso Senhor. A ignorancia do que injuria diminue, ou tira a ira; que não se presume, que o ignorante advirta o aggravado que comete; & o mesmo dizemos dos que estão fóra de si, por qualquer causa que seja, porq̃ estes como ignorantes obraõ sem sciencia.

57. Perguntase, quaes saõ os efeitos da



da ira? Respondo, que são os seguintes.

1. Húa certa deleitação, & gozo pella estimação, & esperança de vingança, conforme Santo Thomas 1. 2. *quest.* 48. Aristoteles 2. *Reth. cap.* 2. O 2. Hum encendimento de calor, ou ferveçencia no coração, que acende, & faz ferver o fangue. O 3. Muitos sinaes de turbação no corpo, como se ve nos olhos, na lingua, & no tremor, &c. O 4. Que impede mais a ira as outras paixões, & o uzo da rezão. O 5. Que faz a alma inutil, & entorpecida pera as cousas espirituales, & divinas.

¶ 58. Perguntase, quaes são os remedios da ira? Respondo que são os seguintes.

1. Mortificar a propria estimação, & a cobiça dos bens temporaes. O 2. Não fallar, nem fazer, o que dita o animo naquelle tempo, que a ira o domina. O 3. Entre tanto, que o homem reprime o fervor da ira procurar deminuir a estimação da injuria a elle feita com a rezão da ordinaria experiencia, que nos mostra, como passada a ira se ve, q̃ a injuria,

*Escola de Oração.*

juria, de que nos queixavamos não tinha de injuria nada, ou se a tinha era muito menos do q̄ nos parecia. 4. Considerar, que a injuria não he tão danosa pera o injuriado, quanto pera o mesmo que injuria; este he hum pensamento de remedio mui Christão. O 5. Considerar os danos, que da vingança se seguem os quaes así pera a alma, como pera o corpo são graves, & danosos, como he notorio. O 6. Considerar a mansidão de tantos Santos, principalmente a de Christo nosso Senhor, aquem devemos imitar.

Tambem ha outros remedios pera aplacar a ira nos proximos. O 1. Não resistir ao primeiro impeto da ira. O 2. Fallar com voz baixa, & humilde a pessoa, que se agasta, quando a ira está já mais mitigada. O 3. mostrar pena, & sentimento de haver dado occasião de paixão, & pedir perdão da causa, q̄ pera isso deu. O 4. Procurar cuidadosamente, que o apaixonado entenda, que não teve animo de o apaixonar, nem injuriar.

riar. O 1. Destes remedios he do Apóstolo *Ad Rom.* 12. O 2. Da Sabedoria *Proverb.* 15. O 3. De Aristoteles 2. *Reth. cap.* 3. O 4. De Plut. & todos são convenientes. Como se ha de pôr em pratica a mortificação das paixões com actos interiores, se poderá collegir dos exemplos seguintes. Tratarei do amor, & da ira, que são duas paixões, hũa primeira, & principal, a outra, que muito necessita de remedio pella grande facilidade, com que se custuma mover, & pellos grandes males, que traz consigo.

Em quanto ao amor, por ventura, que alguem veja hũa gala melhor, q̃ aquella que traz vestida, & logo a apetece, deixando tela, & deste modo se vai despertando em seu coração hum movimento do amor. Neste caso poderá cortar o dito movimento com hũ dos tres modos seguintes.

Ao primeiro dos quaes pera melhor claresa chamo Moral, ao 2. Christão, ao 3. Monastico, & perfeito. Vzando do Moral, dirà: Tira de ti esta complacencia,

*Escola de Oração.*

cia, que he indigna de homem de rezão,  
& por natureza superior aos outros ani-  
maes, nascido pera o estudo da sabedo-  
ria, & seguimento das virtudes, pois se  
sabe, que o entendimento aplicado a es-  
tes bens mundanos se divertẽ daquel-  
les celestiaes; mas com o modo Chris-  
tão deve dizer assi mesmo: não ames es-  
tes bens caducos, porque não he licito  
querelos algum homem Christão, que  
ha de vestir-se da veste preciosa da im-  
mortalidade, & ha de gozar dos bens e-  
ternos: não he justo, nem rezão, que por  
estã inutil gala o homem se desvie do  
estudo, & ganancia daquelles eternos  
bens. Finalmente com o perfeito mo-  
do, & monastico poderá dizer: não po-  
nhas tua affeição na inutil gala, q̃ não  
convem, aquem ha de imitar a desnud-  
des, & desamparo de Christo nosso Se-  
nhor. Na ira que se move pella injuria,  
& afronta recebida dirã com o modo  
moral: soslegate ferõz appetite, que não  
convem a homem de rezão embrave-  
cer-se, como bruto, & com esta terrivel  
furia

furia perder o juizo de homem: & he esta paixão da ira tão disforme, que nos olhos, na boca, & palavras se manifesta, & todo o homem irado perde a mansidão, que como animal racional, & domestico lhe convem. E como Christão dirá: Bemaventurados os mansos porq̃ ferão possuidores da terra dos viventes; pois como, & porque causa segues esta paixão bestial, sabendo, que com ella te privas daquella feliz herança, & Reyno do Cèu, & por ultimo modo dirá como Religioso: Christo Senhor nosso esteve atado como hum manso cordeiro diante quem o injuriava com obras, & palavras, sem que o Senhor abrisse boca, antes como mansa ovelha levado ao Calvalario não abria boca, nem se queixava, & tu não te quietarás? Com os exemplos destas paixões todas as mais se podem mortificar.

Em quanto às paixões pera cuja mortificação são necessarios actos exteriores, & particularmente penitencias corporaes se ha de proceder com o conselho

lho dos mestres, & dessa forte se caminhará seguramente.

TRATADO VI.

*Das virtudes.*



Eu intento neste tratado he satisfazer ao desejo de muitas pessoas espirituaes, & dar hũa breve noticia de todas as virtudes, com algum memorial abreviado pera a pratica dellas, por quanto já em outros livros largamente ei tratado das virtudes necessarias pera a disciplina Religiosa.

1. Virtude conforme o commum dos Theologos, fallandó de virtude em nossa natureza he hũa qualidade, ou habito, que dispoem bem a potencia donde se acha, pera produzir convenientes actos a humana natureza.

2. Custuma a virtude dividir se em intellectual, & moral, por quanto algũas dellas estão no entendimento, outras

no apetite racional, que he a vontade posta no apetite sensitivo, que seruem pera os costumes conformar a natureza dos ditos appetites.

3. As virtudes intellectuaes segundo Aristoteles 6. *Eth.* & S. Thomas 1. 2. *quest.* 57. são cinco, arte, sciencia, prudencia, sabedoria, entendimento. Arte he hum habito do entendimêto, o qual precebe, & conhece o modo das cousas factiveis exteriores, como architectura, escultura, & de algúas acçoês humanas, ainda que não seião acerca de materias, ou obras exteriores, como são artes liberaes, grammatica, rethorica, &c. Sciencia he hum habito demonstrativo, de cousas, que necessariamente são o que dellas se mostra ou conclue. Prudencia he hum habito, que serve pera bem escolher, & preparar os remedios convenientes, & meynos pera o bõ fim: A qual ainda que na verdade he virtude intellectual, se poem no numero das moraes por ser ella a q̄ guia, & rege as de mais. Sabedoria he hum habito com o qual o

201 *Escola de Oração.*

entendimento conhece os effeitos pelas causas uniuersaes geraes, & julga dos principios das sciencias, & esta conforme Aristoteles, he a Metaphysica. Entendimento se chama o habito dos primeiros principios, com o qual concordamos com os principios das sciencias. Estas são as virtudes intellectuaes, das quaes as quatro dão faculdade, & poder ao entendimento pera fazer actos perfeitos, & regulados, conforme a rezão acerca de diversas materias, mas a prudência faz mais, porque encaminha os bons actos em ordem a bom fim. De maneira que o homem será bom architecto, ainda que fabrique com o mau fim da vã gloria: mas não será prudente, porque não ordena aquelle meyo de fabricar pera bom fim ao menos conforme a rezão natural. Isto baste pera ter hũa competente noticia das virtudes intellectuaes, as quaes não fazem tanto a nosso preposito, porque o nosso intento somente he tratar das moraes, & theologaes.



4. Acerca das virtudes moraes have-  
mos primeiro de fazer hũa distincção,  
porque hũas servem pera communicar,  
& tratar bem com os proximos, regu-  
lando os actos, ou operaçoẽs em ordem  
a elles: & outras servem pera reger, &  
regular as proprias paixoẽs. Acerca das  
operaçoẽs com os proximos se custu-  
mão contar dez especies de virtudes, q̃  
são a Iustiça, que dà a cada hum o q̃ he  
seu. Religião que paga a Deos nosso Se-  
nhor o devido culto, que se lhe deve;  
Piedade, que satisfaz com as obrigaçoẽs  
aos pays, & à patria dividas; Observan-  
cia, que reverencia às pessoas de conhe-  
cida virtude, & dignidad; Verdade, que  
trata de aclarar o que he certo cõ obras,  
& palavras, & a satisfazer as promessas;  
& conforme esta ultima parte de satisfazer  
as promessas se chama see, & fide-  
lidade; Agradecimento, que attende a  
agradecer, & corresponder com obras  
ao beneficio recebido. Vingança, ou ju-  
stiça vingativa, cujo officio he tomar  
vingança das injurias, conforme a ordẽ

da rezão; Liberalidade em ordem ao proveito dos proximos dandolhe algũs bês, & em particular pecuniarios; Magnificencia, que se applica a fazer grandes gastos regulandoos pella rezão em proveito de outros. Amifade, ou affabilidade, que trata de ajudar aos amigos cõ diversas maneiras de beneficios pera cõ elles. Todas estas virtudes estão na võ-tade; & tem outras muitas, em q̃ se dividem, como se verá tratando de cada hũa em particular.

5. Acerca das paixões ha dez maneiras de virtudes, leyase Aristoteles 2. *Eth. cap. 7.* & Santo Thomas 1. 2. *quest. 6. cap. 5.* Temperança, que rege, & governa as paixões do appetite concupiscivel, quanto aos objectos deleitaveis, cõforme o tacto; Liberalidade, que està no mesmo appetite, & rege as paixões do amor, concupiscencia, & deleitação, acerca de dinheiro; & faz, que o homem uze delle conforme a rezão, principalmente em despendelo. Philotimia, que significa amor de honras, & està na concupif-

cupiscivel, & rege as tres paixões ditas  
afsim a respeito das honras, & digni-  
dades. Magnificencia, que se applica à de-  
vida grangearia do dinheiro em quanto  
he bem difficuloso de alcançar: & por  
isto rege as paixões da esperança, & de-  
sesperação, reduzindoas à devida me-  
diania, & està em a irascivel, & rege as  
mesmas paixões, quanto às honras, &  
dignidades em quanto são bens diffi-  
cultosos de alcançar. Verdade, que se  
inclina a mostrar o que cada hum sente  
cô palavras, & obras decêtes, em quan-  
to o q falla, gosta desta sua mesma mani-  
festação, & està esta virtude na parte  
côcupiscivel, & tem por objecto aquel-  
la sua communicação, em quanto he ab-  
solutamente delectosa àquelle mesmo,  
que a faz; Amidade, ou affavelidade, que  
se applica a acomodar-se aos outros agra-  
davelmente, nas cousas de verdade, es-  
ta se poem na concupiscivel. Eutrape-  
lia, que trata de mostrar-se alegre nos jo-  
gos, & recreações, esta reside na concu-  
piscivel. Fortaleza, que està na irasci-  
vel,

Escola de Oração.

vel, & rege a ousadia, & o temor, & se ferve daquellas paixões em quanto cõvem pera o alcance de algum bem, conforme a rezão; Mansidão, q̄ rege a ira, assiste na irascível. Muitas destas virtudes tem outras como partes suas, que a seu tempo, & lugar se declarão.

6. Acerca da Liberalidade, Magnificencia, Verdade, Amisade, se ha de notar, que ainda, que estes mesmos nomes destas virtudes se hajão numeradas em a vontade em rezão das operações, & no apetite, concupiscível, & irascível se achão em rezão das paixões, com tudo isso são realmente distinctas, & virtudes diversas. Porque as da vontade olhão a seu objecto formal, em quanto he bem do proximo; mas as do apetite sensitivo olhão formalmente o seu objecto em quanto bem do aparente. Santo Thomas põz a Liberalidade, & Magnificencia na vontade *1.ª p. quest. 12. art. 1. ad 1.* & elle mesmo poem a Liberalidade na concupiscível, & a Magnificencia na irascível *1. 2. quest. 60. art. 5.* O qual não pôde

pòde ser, se não dizendo, que são virtudes diferentes. Deixo de trazer outros lugares do mesmo Santo a respeito de outras virtudes.

7. Entre todas as virtudes, que dizem rezão ao bem moral conforme à recta verdade, ha quatro chamadas cardeaes, que quer dizer, virtudes principaes, & por taes são reputadas, porque em cada húa dellas resplandece húa certa excellencia, que pertéce à dignidade das virtudes. A primeira he prudencia, a qual olha excellenteméte ao bem mortal conforme a rezão, como objecto proprio, por estar, como está na mesma rezão, q̄ he no mesmo entendimento, como em seu proprio fogeito. A segunda he justiça, que olha com excellencia ao bem da rezão acerca do proximo. A terceira he a fortaleza, pella qual o homem alcança com excellencia o bem proprio conforme a rezão, sobrepojando os trabalhos, & perigos, que podião retiralo daquelle bem que pretende. A quarta he a téperança, pella qual o homem alcança

excellentemente o proprio bem, conforme a rezão, apartandose dos deleites illicitos, que são a ella contrarios. A justiça, & fortaleza não somente olhão ao proprio bem, se não ao commum, & por isso são mais excellentes, q̄ a temperança, q̄ somente respeita ao bem proprio. A prudencia he mais excellente, que todas as mais destas virtudes, como quem a todas ellas rege, & governa.

8. Estas quatro virtudes, se chamão exemplares, em quanto estão em Deos as ideas, ou exemplares dellas. Chamão politicas em quanto estão no homem (que he animal politico, ou civil) conforme suas proprias rezoões, o qual se diz pera denotar a differença de como estão em Deos, porq̄ não estão no mesmo Deos, como em o homem, se não cõ infinita eminencia no Senhor. Chamão purgatorias em quanto acrescentadas, & corroboradas com o humano estudo, fazendo que o homem se aplique a imitar a divina perfeição. Chamaõse virtudes de animo purgado, em quanto

cultur

custumão chegar a hum summo grao de perfeição, como nos bemaventurados no Cèo, & os perfectissimos viadores na terra.

9. Todas as virtudes moraes sobreditas são adquiridas, quero dizer, que são taes, que se podem, & custumão adquirir com os nossos proprios actos. Mas de mais destas, conforme a doutrina de Santo Thomas 1.2. *quest.* 63. ha outras tantas virtudes moraes infusas, q̄ se nomeão com os mesmos nomes. Estas virtudes servem à graça, em cuja ordem sobre natural, as theologaes atentão ao fim sobre natural, & as moraes infusas olhão os meynos em ordem àquelle fim: Assim como na ordem natural a affeição, & natural appetite da bemaventurança olhão o fim da natural bemaventurança, & as virtudes adquiridas dizem respeito aos meynos pera aquelle fim. Verdade he que as moraes infusas se inclinão ao mesmo objecto material, que as adquiridas, com tudo isso o objecto formal he differente. Pomos por exemplo.

*Escola de Oração.*

A temperança adquirida olha a materia delectavel em quanto he conforme a regra da humana rezão, & por conseguinte à divina regra, em quanto Deos he Author da natureza; & por tanto uza daquella materia, como digamos a iguaria, em quanto he conveniente pera a saude natural, & pera ajuda do uzo da rezão, q̃ se não exercita bem, estando o corpo indisposto. Mas a temperança infusa uza daquella mesma materia, em quanto he conveniente pera alcançar a vida eterna, que promete a Fee Divina, & desta forte regula aquelles actos com hũa regra do mesmo Deos, em quanto he Author sobrenatural, donde se segue, que em alguns casos a temperança infusa custuma apartarse da materia delectavel, nos quaes casos a rezão natural cõ a temperança adquirida não a ensinaria; como quando castiga o corpo com jejuns, pera augmento de mayor graça, & gloria, o qual devem considerar as pessoas virtuosas, pera exercitar os actos das virtudes moraes com este modo  
mais



mais soberano.

10. Estas virtudes moraes infusas se recebem, & perdem juntamente com a graça: de maneira, que todos os que são justificados com a graça divina recebem no mesmo instante as virtudes moraes infusas. E quando perdem a graça, peccando perdem juntamente estas virtudes. As moraes adquiridas podem estar sem a graça, & estão juntas, & unidas hūas com outras no estado perfeito. E no alcance destas virtudes se exercitão muito os servos de Deos, principalmente na Escola da Religião, & Congregação, porque ainda que juntamente tenham com a graça as virtudes moraes infusas, com as quaes podem sufficientemente obrar quaesquer actos de virtudes: com tudo isso aquellas não tirão a difficuldade das materias virtuosas tão perfeitamente, como as adquiridas, que se alcanção com actos propios, sujugando com força as paixões, & arrancando os habitos viciosos, que estavam arreigados nas potencias d'alma, o que não

não fazem as infusas, no modo, que o fazem as adquiridas. Desta doutrina da escola de Santo Thomas se segue, que quando os Santos, & Authores espirituales tratão de como se hão de grangear, & alcançar as virtudes, se ha de entender das moraes adquiridas: de maneira, que hum seruo de Deos, que santamente tem có a graça, & charidade todas as virtudes moraes infusas, trabalha, & sua nas occasiões de exercitar os actos de virtude; quanto à materia dellas mesmas, porem ainda não haver alcançado as adquiridas acerca da mesma materia. Por esta razão he necessario aplicar có toda a diligencia as virtudes adquiridas pera as hir grangeando, cujas especies trataremos nos numeros seguintes, antes que tratemos das virtudes theologaes.

II. Havendo de tratar das virtudes moraes adquiridas, as quaes se reduzem a quatro ordens, conforme o numero das virtudes cardeaes, entre as quaes a primeira he prudencia, diremos primei-

ro desta, começando por sua definição. Prudencia he hũa virtude do entendimento chamado práctico, que serve para estabelecer, mandar, & ordenar o que se ha de fazer, em qualquer caso particular, conforme a rezão.

12. O officio da prudencia he propor os remedios, com os quaes as virtudes moraes alcanção os seus fins, os quaes propoem, a synderesis, que quer dizer hum habito natural intellectual dos principios prácticos, cujo acto he aprovar o bem, & reprovar o mal, & se chama consciencia; Propoem o fim à temperança, que he uzar das deleitaçoens do tacto, & gosto, guardando o meyo necessario; pera que não haja excessão, nem falte o necessario. A prudência depois nos casos particulares, dicta os meyo, cõ os quaes se alcança aquella mediania, como o faõ comer tanta quantidade, tantas vezes ao dia, a tal hora, &c.

Donde se infere, que as virtudes moraes com a direcção da boa consciencia, que por outro nome se chama, synderesis,

*Escola de Oraçãõ.*

111  
fis, olha o bom fim; & o propoem à prudencia, & ella olha, & afsinala os meynos acomodados pera aquelle bom fim, & por esta rezão disse Aristotel. 6. *Ethim. cap. 12. & 13.* que ninguẽ pode ser prudente, se não he homem de bem, quero dizer, virtuoso, com as virtudes moraes, ainda que he verdade, que pode haver prudẽcia verdadeira adquirida nos peccadores. Digamos: hum homem, que adquirio prudencia, & virtudes moraes, & depois pecca mortalmente, nem logo perde as virtudes de que Aristoteles trata.

13. As partes integraes de prudencia são a boa memoria das cousas, & intelligencia das particulares, que se offercem; a docelidade, porque os prudentes são doces; A solercia, isto he a boa, & prompta conjectura, a rezão, que he discorrer, & discernir bem hũa cousa de outra; a prudencia, que he hũa acertada disposição dos meynos pera o seu fim; a circunspecção que he a diligente consideração das circumstancias das cousas  
parti-

particulares, que ocorrem; a cautella, q̃ he hũa provisaõ, & reparo cõtra as cousas contrarias, que poderião impedir os bons conselhos. Estas se chamão partes integrantes, porque todas compoem a inteireza da prudencia, como os membros compoem o corpo, nem he necessario determonos em tratar destas partes.

14. As partes fugetivas, ou especies de prudencia saõ a regnativa, a politica, a economica, a militar, a particular de cada hum, das quaes não he nosso intento tratar mais difusamente.

15. As partes potenciaes da prudencia saõ tres virtudes, que a serve Eubolia, Synesis, Gnome; Eubolia que quer dizer boa cõselheira, serve pera consultar os meynos, que se offerecem; Synesis, isto he a que julga, serve pera fazer juizo do meyno mais conveniente, conforme as regras ordinarias; Gnome, que he o mesmo que regra, serve pera julgar, conforme a rezão natural fora das regras commũas, ou leis ordinarias, que  
algũas

111 *Escola de Oração.*

algũas vezes faltão pellas circumstancias de cousas particulares; Destas tres virtudes distinctas em especie se serve a prudencia, & depois de haver consultado, & feito juizo do meyo, que ha de escolher faz o acto do imperio, mandando à execução, que he acto proprio, & principal da prudencia. Santo Thomas 2.2. *quest. 47. art. 9.* diz, que a diligencia pertence à prudencia, o que se ha de entender, quanto ao imperio, & execução das cousas; de que se ha consultado, & feito juizo, porem o consultar ha de ser com sossego, & madureza, & o executar ha de ser com velocidade, & diligencia, como disse Aristoteles 6. *Eth. cap. 9.*

16. Do dito se segue, que a prudencia não està formalmente nos subditos, em quanto subditos, pois que o proprio acto da prudencia he mandar, & o proprio acto de subdito he obedecer. Mas com tudo isso a verdadeira prudencia està nos subditos em quanto são homẽs, que podem, & devem mandar à parte  
apeti-

apetitiva, & executiva d'alma, aquillo, q̄  
dicta a rezão: O que fazem os bons Re-  
ligiosos, & homens de virtude nas oca-  
sões que podem, & se lhe offerecem,  
exercitando o senhorio da rezão sobre  
suas paixões, & actos desordenados do  
homem inferior: deixando o mandar  
exteriormente, que he acto proprio da  
prudencia dos superiores, & naquella es-  
pecie de prudencia Monastica, & vir-  
tuosa são sollicitos, & diligentes cõ gran-  
de merecimento seu.

17. Pera concluir com a virtude da  
prudencia, se ha de advertir, como se  
ganha, & como se perde: ganhase com  
dous meynos principalmente com a ex-  
periencia, a qual he cousa certa, por ser  
a prudencia hũa virtude, que olha os  
casos particulares, os quaes pertencem à  
noticia experimental, & com o bom ex-  
emplo, & doutrina dos mais velhos, os  
quaes suprem o q̄ aos moços faltão da  
noticia experimental. Perdesse a prudẽ-  
cia por o esquecimento, que tira o uzo  
da dita noticia experimental, que se ha-

*Escola de Oração.*

via alcançado, & pellos maos affectos, q̄ se contrapoem à rectidão do acto proprio da prudencia, a qual depende do recto appetite, & concertado affecto. Desta doutrina se segue, que os moços, que com humildade, & respeito ouvem, & admitem os conselhos dos velhos espirituaes, achão o verdadeiro caminho da prudencia.

18. A segunda das virtudes cardeaes he justiça que he hũa virtude pella qual dá cada hum a seu proximo o q̄ he seu: esta virtude está na vótade. Esta se costuma dividir em duas especies, hũa, que se chama justiça particular; que he a que se exercita com os particulares, & outra legal, que encaminha, & perfeiçoa o homem immediatamente em ordem a republica, ou commuidade em q̄ estão, & he parte: & consequentemente se ordena aos particulares, que são partes daquella commuidade. A rezão formal desta justiça legal he attender as cousas, que são em materia de qualquer virtude, que as leys ordenão em quanto con-  
vem



vem pera o bem commum, no qual se distingue da obediencia, que as considera em quanto são mandadas, & dispostas pellos superiores. Tambem se divide a justiça em comutativa, que attende a igualdade das cousas com o proximo, & distributiva, que olha a proporção dos merecimentos das pessoas pera a distribuição, & repartição dos bens communs; de sorte, que quanto hum homem he de mais merecimento, receba mais dos bens da republica. Estas são as especies da justiça.

19. Ha tambem muitas virtudes, que se chamão potencias por serem da justiça, & tem hum certo parentesco, & uniaõ com ella, como as potencias com a alma, mas não participaõ perfeitamente da rezão, & essencia da justiça, como nem taõ pouco participaõ as potencias da essencia d'alma. O parentesco, & uniaõ, ou semelhança, consiste nisto, que serve pera tratar verdade com os proximos, como a justiça, & estão na vontade como ella: mas não chegam à perfei-

*Escola de Oração.*

ção dessa justiça, ou porque não olhão  
perfeitamente a igualdade das cousas,  
ou porque não procedem com perfeita  
rezão de divida como a justiça proce-  
de. Estas são principalmente nove vir-  
tudes moraes, que são a religião pera cõ  
Deos nosso Senhor a piedade pera com  
os pays, a observancia pera com os que  
são de excellente virtude, à qual se re-  
duz a obediencia; A verdade, cõ a qual  
o homẽ se mostra em palavras, & obras,  
quam verdadeiro he, à qual virtude se  
reduzem a fee, ou fidelidade; A gratifi-  
cação, ou agradecimento com a qual se  
agradece, & recompensa o beneficio; A  
vingança, ou justiça vingativa, cõ a qual  
se faz a justa vingança dos peccados; A  
liberalidade, que respeita o bem alheyo  
por meyo de dadivas pecuniarias parti-  
cularmente; A magnificencia, que atten-  
de ao bem alheyo com grandes gastos  
proprios; A affabilidade, ou amifade, q̃  
faz a hum homem agradavel a seu pro-  
ximo com varios beneficios, que lhe  
faz.

20. Entre estas virtudes a religião, piedade, & observancia não chegam à perfeita rezaõ de justiça, porq̃ não pagão perfeitamente o que igualmente se deve. E as outras tão pouco chegam a esta perfeição, porque os actos, ou officios dellas com os proximos não são tão estreita divida, como o são os actos da propria, & perfeita justiça. Por esta rezaõ a divida da justiça, religião, piedade, & observancia se chama legal, porq̃ he estreitissima, & prescripta pella ley, & dellas nasce a civil obrigação. Mas a divida das outras virtudes se chama moral, ainda que em alguns casos particulares esta divida obriga debaixo de peccado.

21. Supostas estas divisões, & principios, trataremos por ordem de algúas partes potenciaes da justiça, q̃ são mais a preposito pera as pessoas espirituaes, deixando outras, que não são tão necessarias, juntamente com as proprias especies da justiça, porque o exercicio destas proprias especies não se offerecem

*Escola de Oração.*

tão ordinariamente às pessoas, que tra-  
tão da perfeição em o caminho espiri-  
tual pera as quaes basta a noticia, q̄ tem  
de que se ha de pagar a cada hum o que  
he seu. Tratemos agora da primeira das  
virtudes assima ditas, que he a religião.

22. Religião, ( conforme a commum  
sentença dos Theologos ) he hũa virtu-  
de moral, que inclina o homem a q̄ pa-  
gue a Deos nosso Senhor o culto, & hõ-  
ra, que se lhe deve, como a cômum Se-  
nhor, & Creador de todas as cousas. Es-  
ta virtude he a mais excellente, que as  
outras moraes virtudes, porque ainda q̄  
naõ he theologal, por quanto naõ res-  
peita immediatamente a Divina Mage-  
stade, como a seu proprio objecto, o  
qual he proprio das virtudes theolo-  
gaes; com tudo chegase mais que as ou-  
tras a sua dignidade dellas, pois olha a  
Deos como fim, quem offerece culto,  
& reverencia: o qual culto, & reveren-  
cia he o objecto, a que mediatamente se  
dirige.

23. Quanto a honra, culto, & reveren-  
cia,

cia, que esta virtude faz a Deos Senhor  
nosso, se ha de advertir, q̄ ha duas partes  
material, & formal. A material he qual-  
quer acto interior, ou exterior, officio,  
rito, ou cerimonia, que fazemos pera  
despertar em nòs, ou nòs outros àquel-  
la estima, tal, qual se deve à Divina Ma-  
gestade. A formal he aquella estima-  
ção, & excellencia, que fazemos da Ma-  
gestade Divina, à qual estimação se cha-  
ma gloria de Deos, isto he hũa noticia  
clara junta com reverencia, q̄ he bran-  
co, & objecto da religião virtude, a qual  
custuma chamar-se por outros nomes, q̄  
todos significão culto de Deos, como  
Santidade, Theosebia, Eusebia, Latria.

24. Os actos desta virtude se dividem  
em duas ordens, na primeira se poem  
todos os actos de todas as outras virtu-  
des, porque todas se podem, & devem  
refirir a estimação, & gloria de Deos  
nosso Senhor como o fazem os bons Re-  
ligiosos, & pessoas de virtude. Na segū-  
da se poem os actos proprios da virtu-  
de religião, os quaes se podem reduzir

*Escola de Oração.*

a tres ordens, conforme a fogueição que esta virtude professa com a Divina Magestade, fogueitandose por ella o homem assi mesmo, & todas suas acçoés a Deos nosso Senhor. Na primeira ordem entraõ os bens espirituales d'alma, os quaes fogueitaõse a Deos nosso Senhor pellos actos de devoção, & oração, que nesta parte são principalissimos, & pellos actos dos votos, com os quaes o homé firmemente se fogueita à Divina Magestade, como a seu Senhor, & pello acto de jurar quando convem, com o qual acto o homem protesta a Divina Excellência, & pello uzo dos Sacramentos nos quaes protestamos, que o Senhor he Author da graça có a qual fogueitamos nossa alma a sua Divina Magestade. Na segunda ordem entra o bem externo do corpo, o qual fogueitamos a Deos nosso Senhor pellas exteriores adoraçoés, genuflexoés, & prostraçoés por terra, &c. E na terceira ordem entraõ os bens exteriores, que o homem possui, ou offerrendoos immediatamente ao Senhor, como

como sacrificio, que se faz em honra, & reconhecimento seu, ou mediatamente pera seus ministros, pagando dizimos, & primicias. Destes actos da virtude religião não temos mais que dizer senão, que quanto a devoção, & oração advirtão os Religiosos, & pessoas de virtude, q̄ quando fazem os actos acustumados em seu estado, como são votos, feitos a primeira vez levantem seu coração à Divina Magestade, & assi mesmo quando despois o renovaó, & fazem as ceremonias de adorações, genuflexões, & prostrações, ponhão sempre a tenção na Divina Magestade, querendo honrar, & glorificar com cada hum destes actos, & vivos affectos do coração, referindo, & ajuntando a este fim todos os actos de virtudes não exceptuando nenhum.

25. Acerca da devoção, que he acto de religião se ha de notar, & advirtir, q̄ he acto da vontade, donde a mesma virtude religião está, & q̄ este acto não he outra cousa, mais que hum prompto

## *Escola de Oração.*

querer, & hũa resolução aparelhada a fazer as cousas pertencentes ao culto da Divina Magestade de Deos nosso Senhor. Donde se segue, que pode estar a verdadeira, sustancial devoção na vontade, sem aquella devoção sensível, que se custuma ter acerca das cousas do serviço do Senhor; Antes bem pode estar com grande retinencia, & conservação da parte inferior, quanto às cousas de Deos, & seu divino culto. O que devem ponderar aquelles, que são modernos no serviço do Senhor, os quaes lhe parece, que não aproveitam, quando na parte inferior não sentem devoção, & errão por ignorancia, & pouca experiencia.

26. As causas da devoção, q̃ he aquelle prompto querer, & aquella prompta resignação pera obrar tudo o q̃ for do serviço de Deos nosso Senhor; As causas são muitas, mas principalmête duas, despois da divina graça. Hũa he a consideração dos beneficios recebidos de sua Divina Magestade. A segunda os con-

nhe-



nhcimentos dos proprios afeitos. A 1. estimula, & move a vontade. A 2. a es-  
perta, & faz recorrer ao Senhor, conhe-  
cendo o homem a necessidade, que tem  
de estar emparado debaixo das azas da  
protecção Divina. Diz Caetano 2. 2.  
*quest.* 82. *art.* 3. que não merece nome  
de Religioso, ou homem espiritual, a-  
quelle, que não considera ao menos hũa  
vez cada dia estes dous pontos, que aca-  
bamos de preferir.

27. O principal effeito da elevação  
custuma ser hũa espiritual alegria nasci-  
da da consideração da Divina Bondade,  
ainda que algũa vez tambem nasce  
hũa certa tristeza, que a alma tem, porq̃  
não goza aquelle infinito bem, que de-  
seja.

28. Acerca da oração, que he acto da  
virtude religiosa se ha de advertir, co-  
mo essencialmente he acto do entendi-  
mento practico, & tem consigo unido  
outro acto da vontade, com o qual o q̃  
ora deseja, que o Senhor faça, o que lhe  
pede, oração propriamente significa pe-  
tição,

## *Escola de Oração.*

tição, mas com tudo isso se acomoda este nome a todas aquellas partes da oração, que nos livros espirituaes estão escritas, as quaes vem acabar, & concluir-se na petição. E ainda que este acto está no entendimento, & a virtude da religião tem este acto na vontade, basta pera ser acto desta virtude, que o entendimento produza esse acto pello motivo, com que a vontade o move a produzi-lo, que he a estimação que faz da Divina Magestade, à qual se acolhe o homem, reconhecendo sua miseria, & necessidade, certificandese, que todo o seu remedio, & alivio de suas penas lhe ha de vir do Pay das Misericordias.

29. As condições requisitas, & necessarias pera a efficacia da oração são quatro, conforme a commum doutrina dos Santos. A 1. que o homem ore pera si. A 2. que peça piamente, que quer dizer de maneira, que a petição va acompanhada com Fee, Esperança, & bons desejos. A 3. que as cousas que pedir se-  
jão necessarias, & convenientes pera  
sua

sua salvação. A 4. que peça com perseverança pera que com effeito alcance. Da consideração destas quatro condições nasce hũa grande consolação pera os bons Religiosos, & pessoas virtuosas, principalmente pera aquelles, que professão, & se entregãõ à santa oração, pois continuamente se applicão a orar cõ estas quatro condições até a morte. A rezão desta consolação he, o que communmente dizem os Theologos, que a oração infalivelmente he sempre ouvida de Deos nosso Senhor, quando nella concorrem as sobreditas condições.

30. A virtude da religião se segue a piedade, que he hũa virtude, com a qual damos a honra, & obediencia que se deve dar a nossos pays, & patria, & pello consequente àquelles, que por sangue tem parentesco, ou com a patria, per benevolencia, ou amizade.

31. Este nome piedade, custuma significar toda a virtude, com a qual Deos he servido, & nossa vida he bem ordenada: & neste sentido, costumamos chamar

## *Escola de Oração.*

mar aos virtuosos, pios, & aos peccadores, impios. O 2. significa particularmente a virtude da religião, de que acabamos tratar. O 3. significa a misericordia, & assi chamamos pios aos homens misericordiosos. O 4. significa hũa virtude particular, & propria, chamada piedade, cuja discrição fica escrita no numero atras.

32. Acerca desta virtude não se offerece dizer outra cousa aos Religiosos, se não, que com exercicios espirituaes ajudem a seus pays, parentes, & patria, pois não estão em estado de os poderẽ ferver, & ajudar de outra maneira, & guardemse, que não dem lugar ao pensamento, nem affecto de pays, & patria, &c. Procurando antes esquecerse delles, como com exemplo, & doutrina o ensinãrão os Santos.

33. Seguese a virtude da observancia, com aqual honramos as pessoas constituidas em algũa dignidade, pella qual nos governão, ou são capazes pera governarnos, & assi mesmo as pessoas de  
virtu-

virtude conhecida. Alguns Authores distinguem diversas especies da virtude da obſervancia, conforme as differenças das dignidades, às quaes se deve a divida honra, mas estas virtudes não têm todas proprios nomes. Quanto a esta virtude, os Religioſos advirtão, & as pessoas de virtude, que hão de ſer muito diligentes em respeitar às pessoas excellentes, por dignidade, porque com este exemplo ſe edificação muito os proximos, como eſtã declarado nas historias dos Santos.

34. A virtude chamada, *dolia*, he hũa especie de obſervancia, cõ a qual ſe tributa a honra devida aos superiores por respeito do dominio, & he propria esta virtude dos ſervos pera cõ ſeus ſenhores. Ha tambem outra maneira de obſervancia, chamada, *dolia*, com a qual honramos aos Santos, como eminentes na virtude, & outra chamada *hyperdolia*, com a qual honramos, veneramos, & respeitamos a Santissima Virgem noſſa Senhora pella ſingular excellencia do  
OBSTACULO paren-

parentesco, que tem com o Verbo Encarnado. Acerca destas duas especies advirta o Religioso, & pessoa virtuosa, que hão de ser mui perfeitos, & fidelissimos em honrar os Santos, & muito em particular a Rainha, & Emperatris do Cèu, & da terra com actos interiores de grande estimação de sua santidade, & com palavras de louvor, & com actos ordenados a fazer lhes a possivel honra, principalmente com a verdadeira imitação de suas virtudes.

35. Seguese a virtude da obediencia com a qual nos applicamos a executar aquillo, que nossos superiores nos mandão, cujos louvores são inexplicaveis, a materia da obediencia são todos os actos de virtudes, que pella santa obediencia nos são mandados pellos superiores, a forma he a rezão de fazer os actos, porque são mandados. Aqual obediencia hão de advirtir os subditos pera serem formaes, & verdadeiros obedientes, não buscando outras rezoês, se não só esta, que o manda o superior, considerando

derando a grande reverencia, & amor, como ao mesmo Christo Senhor nosso, com simplicidade, & com promptidão em pôr por obra o q̄ lhe manda a obediencia, sem dar lugar a discursos, se não fomite á fee.

36. Seguese o agradecimento, com a qual virtude reconhecemos, & confidemos os beneficios recebidos. Chamase graça, & agradecimento esta mesma virtude, à qual todos os que querem seguir o caminho da perfeição devem ser muito affeicionados, & fieis por muitos respeitos, & singularmente os q̄ querem imitar à Santa Madre Theresa de Iesus, q̄ no culto, & veneração desta virtude era tão estremada, que por qualquer beneficio, que lhe fazião ficava tão obrigada, que se tinha por cativa, & escrava de seu bem feitor, & ainda dos Religiosos, & Religiosas, que a servião nas cousas ordinarias da Religião. O principal cuidado ha de ser todo em agradecer ao Senhor os beneficios, que todos os dias nos està fazendo espirituaes, & corporaes,

*Escola de Oração.*

raes, & darlhe graças, & fervilo por elles com grande affecto, & perseverança.

37. Acerca destas quatro virtudes ultimas, se note, que se hão de exercitar pera com a Divina Magestade com hum mais alto respeito, do que com as creaturas; A piedade como com nosso Pay de quem recebemos o ser, & todos os nossos bens. A observancia como com nosso supremo Superior. O agradecimento como a nosso supremo bemfeitor. A obediencia quando respeita aos Mandamentos divinos chama-se obediencia, mas quando respeita a Divina vontade, pera conformar-se com ella em qualquer successo, que succeda chama-se resignação, & pode tambem chamar-se hũa mais alta, & perfeita obediencia.

38. Segue-se a virtude cardeal chamada fortaleza, que està no appetite irascivel, com a qual o homem de tal maneira se trata acerca das cousas asperas, & terriveis, que nem por temor desordenado dellas, né por desordenada oufadia obrão contra a recta rezão, de for-



te, que ora retirandose, ora arrojandose, conforme a rezão acerca daquellas coufas, obra virtuosamente. Esta virtude está como fica dito no appetite sensivo na parte irascivel, & rege as paixões da esperança, oufadia, ou temor, & ordinariamente se emprega, em defender as outras virtudes, pera cujos effeitos, fortalece o animo contra as difficuldades, que se lhe opoem. A materia desta virtude, são todas as coufas difficultosas, & terriveis as quaes he necessario sobrepojem, pera fazer suas obrigações, & actos de virtudes; mas a mais propria, & principal materia, he a morte, que he a ultima coufa mais terrivel pera o homem.

39. Entre os actos desta virtude he hum delles o martyrio, pera o qual devem os bons, & virtuosos estar sempre preparados, vencendo difficuldades, & vãos temores, & carnaes sobrefaltos por satisfazerem com os actos de virtudes, exercitando em tudo as oufadias em obrar coufas difficultosas, &

## *Escola de Oração.*

terríveis por amor de Deos N. Senhor que estes taes são os que verdadeiramente se preparão pera offerecerse à conversão dos infieis, & ainda ao trato, & redução dos maos fieis, donde ha muitas occasiões de padecer pella fee, & pella gloria, & serviço de Deos nosso Senhor.

40. A Fortaleza não contem em si diferentes especies, porque tem muitas unidas assi mesma, que se chamão partes potenciaes, estas são a fiducia, ou confiança, magnanimidade, seguridade de animo, magnificencia, paciencia, longanimidade, perseverança, & constancia. Chamaõse, conforme Santo Thomas 2. 2. *quest.* 129. & *alibi*, partes da fortaleza, pella semelhança, & união, que tem com ella ainda q̄ não cheguem a igualar sua excellencia.

41. A Fiducia, ou confiança he hũa virtude, que aperfeiçoa a alma, & a fortifica pera que promptamente se lance às difficuldades, que não chegão a perigo de morte. A Magninidade perfei-

çoa a alma, pera que obre cousas grandes, principalmente em materia de hōras, procurandoas, ou desprezandoas, conforme as regras da boa rezão. A Seguridade quieta, & dà esforço contra os pensamentos, & sollicitos cuidados, q̄ do temor nascem. A Magnificencia dispõe o animo pera grandes gastos na forma racional, & imita a fortaleza em sobrepojar aquella difficuldade de gastar magnificamente. A Paciencia fortalece, & confirma o vnimo contra a tristeza, pera que não falte o homem em obrar conforme a rezão, ainda q̄ aquella paixão ao contrario obrigue; A Longanimidade faz o animo perfeito, pera que se esforce a esperar os futuros, que muito se dilatão sem aflicção; A Perseverança faz, que, não obstante a muita dilação do tempo, esteja o animo perseverante no exercicio da busca de algũa verdade até alcançala, ou até sahir a publico com a boa obra começada; Esta virtude he differente cousa d'aquelle grande dom sobrenatural da perseverança,

*Escola de Oração.*

rança, que he hũa conservação da divina graça, & hũa continuação de boas obras até o fim da vida; A Cõstancia faz, que o animo persista firmemente no bẽ contra as difficuldades, ou empedimentos, que se offerecem, de forte, que a perseverança he contraria à dilacão do tẽpo; A Constancia he contra os empedimentos, que ocorrem dentro daquella mesma dilacão.

42. Tambem a fortaleza tem suas partes integraes, que sãõ muitas perfeições, que ha de ter a obra, ou actõ da verdadeira fortaleza, as quaes perfeições se podem significar com os mesmos nomes das virtudes do numero precedente: de maneira, que o actõ da fortaleza he necessario, q̃ seja composto, & aperfeiçoado de tal maneira, que se faça cõfiadamente, magnanimamente, seguramente, magnificamente, pacientissimamente, longanimamente, perseverantemente, & constantemente. Destas partes hãõ de ter particular cuidado as pessoas religiosas, & de virtude pera obrar  
em

em as cousas difficultosas, como senhores de si mesmos, & de todo o mundo, imitando a S. Madre Theresia de Iesus, aquem o Senhor dotou de hum generoso animo, pera acometer cousas arduas, & mui difficultosas.

43. Segue-se a Temperança virtude cardeal que está posta no appetite concupiscivel, atendendo a reger, & moderar as paixões do mesmo appetite, que se occupão nas cousas delectaveis ao corpo, conforme o sentido do acto no uzo de comer, & beber, & actos venereos.

Advirtase, que não se assinala virtude propria pera os objectos delectaveis aos outros sentidos, porque não tem razão da bondade, ou malicia moral os actos dos de mais sentidos, se não accidentalmente, em quanto se refere a algum objecto do sentido do tacto, ou aos objectos de algúas paixões.

44. A Temperança tem em si algúas virtudes com partes integraes, outras como partes subjectivas, outras como partes potenciaes: As integraes, isto he

*Escola de Oração.*

as que são certas perfeições, q̄ resplandecem nos actos desta virtude, são duas: honestidade, & vergonha: honestidade he hũa perfeição, que consente naquella decencia, ou decoro, que se deve a obra da temperança; que se descobre em quanto naquella obra se ve hum certo horror de fealdade contraria à honestidade. Vergonha he hum modo de temor de obrar cousas torpes, & disformes. Estas duas perfeições são mui proprias às pessoas Religiosas, & de virtude por serem filhos da Santissima Virgem exemplar da honestidade, & pureza & como taes devem guardar-se muito de palavras, & acções impuras.

45. As partes subjectivas, ou especies da Temperança são quatro; Abstinencia, Sobriedade, Castidade, (que se chama tambem Pudicicia,) & Virgindade. A abstinencia tempera o uzo de comer: A sobriedade o do beber conforme as regras da rezão: O bom uzo consiste em hũa mediania proporcionada à pessoa, & a suas occupaões, & trabalhos.

Em

Em o sequito destas virtudes hão de ser mui estremadas as pessoas Religiosas, & de virtude por muitos respeitos, & principalmente pello continuo exercicio da oração, o qual he impossivel, que se una com a destemperança do comer, & beber demasiado. A castidade he hũa estremada virtude, que governa o uzo venereo, não dando lugar a suas desordens; A virgindade he hũa perfeita castidade, que faz, que o homem com proposito firme se aparte, & abstenha de todo o acto venereo, ainda do que he licito, como o do matrimonio, & conserva a perfeita integridade, & pureza do corpo, a qual se perde por corrupções voluntarias: A saber por actos venereos voluntarios, mas não pellos violentos. Não se offerece dizer outra cousa destas angelicas virtudes, se não, que são proprias das pessoas Religiosas, & de virtude, & pertencem à virtude da Religião, ou latria em quanto se consagra a Deos nosso Senhor por voto solene, com hũ admiravel sacrificio, & não ha duvida,

*Q*

se

*Escola de Oração.*

se não que todas as pessoas Religiosas, & de virtude, como filhos da Santíssima Virgem Maria Senhora nossa, são obrigados ao culto, & respeito desta pureza, tanto com mayor obrigação mais particular, quanto o pode hũa tão nobre, & celestial filiação. Advirtase que a castidade, se chama pudicicia em quanto prohibe os exteriores finaes da impureza como são osculos, amplexos, tactos, &c.

46. As partes potenciaes da temperança são certas virtudes allegadas, ou semelhantes a ella em refrear os appetes desordenados acerca de algúas cousas deleitaveis, mas não tão vehementes, & forçosas, como os objectos deleitaveis do tacto. Estas virtudes são oito, Continência, Mansidão, Clemencia, Modestia, Humildade, Cuidado estudioso, Eutropelia, Parcidade, ou Simplicidade, ou Moderação.

47. A Continencia he hũa virtude q̄ refrea os movimentos desordenados da vontade, causados do impulso das paixões



xoés do apetite sensitivo, que induza a vontade às cousas contrarias à rezão. Não he virtude perfeita, porque não faz, q̄ os impulsos das paixões se tirem, se não fomenta, que a vontade não seja vencida do impeto dellas. Deste nome continencia costumamos uzar, pera significar, a castidade, ou virgindade, & por isso chamamos aos castos, continentes, mas aqui não uzamos deste nome nesta significação.

48. A Mansidão, he hũa virtude, que està na irascivel, & modera a ira, & esta he a virtude propria dos Discipulos de Christo nosso Senhor, que hão de fazer o possivel por imitar a seu Senhor, & Mestre, portandose como cordeiros mansos no meyo das injurias.

49. A Clemencia he hũa virtude, que ensina, & encaminha o modo, que se ha de ter mediano em castigar as culpas. Serve este modo pera os superiores, & a brandura, & mansidão, ajuda pera o effeito da clemencia, porque a virtude, que tempera a ira que està no interior ajuda

*Escola de Oração.*

ajuda a moderar o castigo exterior, & por esta rezão os nomes desta virtude, se costumão uzar indifferenteméte, pera alcançar estas virtudes, ajudão muito os remedios, que applicamos pera a ira, que pussesmos no tratado das paixoês.

50. A Modestia he húa virtude, que guarda a moderação nas acçoês principalmente nas exteriores, esta virtude tem tres partes. A 1. he húa concertada, & disposta ordem posta nas acçoês, que se obrão, ou naõ fazelas na ordem, que convem fazelas. A 2. he o ornato, que consiste em dar às acçoês sua cõveniente decencia. A 3. he austeridade, & pezo, que consiste haver nas conversoês dos amigos, ou outras pessoas pera que tenhaõ aquella maduresa, & perfeição, que convem às pessoas, & às cousas que se obrão. Esta virtude he o decoro, lustre, & fermosura da casa de Deos, como se manifesta nos compostos Religiosos, & pessoas de virtude, & singularmente na moderação dos olhos, q̄ communmente se chama modestia, & na  
lingoa,

lingoa, que se chama silencio, que são as duas partes da modestia, que os Santos celebrão com aventejados jubilos.

51. A Humildade he húa virtude, q̄ está na irascivel, & rege as paixões da esperança, & oufadia: de tal maneira, q̄ não quer se lhe atribua mais do que lhe convem, conforme dignidade da pessoa. Desta virtude se contão doze graos, ou finaes. O 1. mostrar sempre a humildade com o coração, & olhos em terra. O 2. fallar pouco, & conforme a rezão, & sem vozes, nem estrondo. O 3. não ser facil no rizo. O 4. callar até ser perguntado. O 5. seguir a regra commua, & a observancia do mosteiro, ou oratorio. O 6. terse por mais vil que todos. O 7. julgarse por indigno, & inutil pera obrar cousa perfeita, olhando às suas proprias forças. O 8. cõfessar suas proprias culpas. O 9. obedecer com paciencia, & promptidão nas cousas difficultosas, & duras. O 10. sojeitarse aos superiores. O 11. não fazer seu gosto por sua propria vontade. O 12. temer  
a Deos,

*Escola de Oração.*

a Deos, & trazer em sua memoria seus Mandamentos. Estes graos de humildade, não são graos propriamente dentro da essencia daquella virtude, se não sinaes, ou effeitos della. Os quaes graos põz o Patriarca São Bento na sua regra. Os louvores desta virtude são innumereis, & o diligênte estudo della he proprio da Escola de Christo.

52. A Estudiosidade he hũa virtude, que modera o desejo de saber, fazendo, que o homem não queira saber, se não o que lhe convem, & na maneira q̄ lhe convem. He hũa virtude utilissima pera os Religiosos, & pessoas dadas à vida contemplativa, pera a qual he mui danosa a curiosidade.

53. A Eutrapelia he hũa virtude, que guarda o modo, ou temperança conveniente nos jogos, & honestas recreações, que se uzão pera decente alivio do animo. Acerca desta virtude se ha de advirtir, que muitos servos de Deos se aproveitaõ della em cousas, que aos ignorantes; & pouco illustrados não parecem

cem actos de virtude, mas se o não parecem saõno, & em suas occasiões he mui importante telos.

54. A Parcidade, simplicidade, ou moderação he hũa virtude com a qual o homem uza moderadamente das cousas exteriores do corpo, como saõ vestidos, & outro qualquer ornato; chama-se parcialidade em quanto foge às cousas superfluas, & chama-se simplicidade, ou moderação, em quanto não busca nesta materia cousas exquisitas.

55. Seguem-se as virtudes theologaes Fee, Esperança, & Charidade, q̄ saõ excellentissimas sobre todas as de mais. A Fee he hũa virtude com a qual o entendimento, donde ella està assente firme, ainda que não evidentemente a todas as cousas, que propoem a Igreja, como reveladas de Deos. Esta virtude deve o Religioso, & pessoa reformada imprimir em sua alma, pera desprezar as cousas terrenas, & estimar muito as eternas, que por esta virtude lhe saõ reveladas, a lição dos mysterios, a certeza das profecias,

*Escola de Oração.*

fecias, & da verdade, que vemos, haver  
pontualmente succedido, como foi mui-  
to d'antes profetizada a fortaleza dos  
martyres, a conformidade dos Douto-  
res, os milagres, & outros muitos pon-  
tos, quando com attenção se confide-  
rão, causaõ grande consolação, & esfor-  
ção o animo pera a confissão da Fee, &  
por isso he bem, que os Religiosos, &  
pessoas de virtude se ocupem em medi-  
tar os sobreditos pontos, procurando  
renderse à authoridade divina cõ gran-  
de firmeza, & reverencia, & humildade,  
quando obrão, & fazem os actos ordi-  
narios de Fee.

56. A Esperança he hũa virtude com  
a qual a vontade se move pera seu Deos,  
& Senhor em quanto he nossa bemavên-  
turaõ difficiltoza de alcançar, mas  
possivel com o divino favor, & com os  
meyos, com que o mesmo Deos pera if-  
so ha ordenado. He virtude que muito  
se deve estimar, & exercitar, principal-  
mente pera estarem preparados pera o  
artigo da morte, & outros graves peri-  
gos,

gos, q̄ nesta vida acontecem, nòs quaes he necessario, q̄ a alma esteja bem fundada na esperança, se quer naõ perder-se. O modo de exercitala, he fazendo della fervorosissimos actos, confiando na Divina Misericordia, & merecimentos de Christo nosso Senhor, confiando, que o mesmo Senhor nos darà graça, pera fazermos actos meritorios da vida eterna.

57. A Charidade he hũa virtude, cõ a qual nossa vontade ama ao sũmo bem, que he objecto de nossa bemaventurança sobrenatural. Esta he a rainha das virtudes, & se chama forma dellas; assi como a luz se chama forma das cores, as quaes sem luz saõ, como se não fossem, assi as de mais virtudes sem charidade saõ flores sem luz. Tem esta nobillissima virtude effeitos excellentes, como saõ o gozo espirital, a paz, a misericordia, que he hũa virtude distincta, & o acto della se produz com o motivo, & imperio da charidade divina. O objecto, que respeita a misericordia he a mi-

*Escola de Oração.*

feria alhea em quanto se pode reme-  
dear, & aliviar, ou tirar com o effeito, q̄  
he com ajuda da mesma misericordia.  
A beneficencia, tambem se conta entre  
os effeitos da mesma charidade, a qual  
não he outra cousa se não hũa execu-  
ção exterior do acto interno da chari-  
dade pera com o proximo. Assim mesmo  
a correção fraterna, & a esmola se con-  
tão entre os ditos effeitos. Os actos de-  
sta grande virtude são dous. 1. O amor  
de Deos. 2. O do proximo por Deos.

58. Acerca desta virtude notem as  
pessoas espirituaes, que pera a pratica  
della seria erro pernicioso não servirse  
bem della. O servirse bem consiste em  
despertar o coração muitas vezes com  
as lembranças da bondade, & amabili-  
dade de Deos N. Senhor estimandoo, &  
amandoo, porquem elle em si he, & di-  
rigindo todos os actos das virtudes a es-  
te mesmo fim, pera que com a direcção  
da charidade sejam actos formados, per-  
feitos, & meritorios da mayor graça, &  
gloria.

TRATA.



## TRATADO VII.

*Dos tres Estados, ou graos, a saber dos que começão, & dos que aprovei-  
tão, & dos perfeitos.*



VVIDA primeira. Se he boa, & sufficiente divisaõ, a q̄ communmente se dà dos tres estados, Santo Thomas 2. 2. *quest.* 24. *art.* 9. dos que começão, aproveitão, & perfeitos? Respondo, que si, porque os Santos commūmente hão ensinado esta divisaõ dos Estados, ou graos, conforme a charidade, por meyo da qual se caminha à vida eterna; & esta divisaõ se faz conforme os estudos, ou exercicios nos quaes o homem se ocupa, que tem a divina charidade, os quaes saõ tres. O 1. estudo, ou exercicio, convem aos que começão, os quaes havendose convertido a Deos nosso Senhor, & começando a amalõ com a virtude da charidade infusa na justificação, principalmente se a-

*Escola de Oração.*

plicação a apartarse dos peccados, & resistir a suas vivas concupiscencias, q̄ militão contra o amor de Deos. O 2. estudo, ou exercicio, convem aos que aproveitão, os quaes principalmente se applicão a crescer em charidade, & juntamente nas mais virtudes, por quanto já não são taõ molestados de seus vícios, & concupiscencias, como o são os principiantes, & por isso estão mais expeditos para alcançarem as virtudes, & crescerem em a charidade, que no estado de principiantes tinhão. O 3. estudo, ou exercicio convê aos perfeitos, os quaes principalmente tratão de unirse com Deos nosso Senhor, & gozar de sua Divina Magestade por quanto com a victoria dos vícios, & com as virtudes, que alcançaraõ tem hũ alto grao de paz, & amor, que continuamente aspira a uniaõ de Deos.

Duvida 2. Se a estes tres graos de charidade correspondem aquellas tres vias, que chamão purgativa, illuminativa, & unitiva? Respondo, que si, a purgativa he

he dos que começam, cujo principal estudo consiste em alimparse, & purgar-se das fezes dos maos habitos, & desordenados appetites da vida passada. A illuminativa he a dos que aproveitaõ no espirito, cujo principal estudo he applicarem-se, & alcançarem as verdadeiras luzes d'alma, q̄ são as virtudes juntas com mayor conhecimento de Deos. A unitiva he dos perfeitos, cujo principal estudo he amar, & servir a Deos, & unir-se cõ elle estreitamente.

Duvida 3. Se aos mesmos tres sobreditos graos respondem a distinctos exercicios proporcionados ao principal estudo de cada hum delles? Respondo, que si: porque ao grao dos principiantes convem exercicios cõvenientes para a alma se purgar, como são exercicios de penitencia, mortificação, meditação da paixãõ do Senhor, oraçãõ, confideraçãõ dos danos, que faz o peccado na alma, procurando fundarse todos em amar, & temer a Deos. Ao grao dos que aproveitaõ no caminho da virtude con-

*Escola de Oração.*

vem exercicios aptos pera illustrar a alma, como são meditações das obras, vida, milagres, & paixão de Christo Senhor nosso. E o uzo dos meynos, com os quaes se alcanção as virtudes, que nos assemelham com o mesmo Christo divino exemplar nosso. Ao grao dos perfectos convem os exercicios de cõtemplar, & amar a Divina Magestade, & o uzo das orações jaculatorias, ou aspirações do coração; Todas as quaes cousas são unitivas. Advirtase quando hũa pessoa, que aproveita, ou vive com perfeição, cae em algum peccado mortal (cousa, q̃ custuma acontecer, como por exemplos da Sagrada Escritura se conhece) nem por isso ha de mudar, nem cortar a tea de seus exercicios, tornando aos de principiante: se não por alguns dias occuparse em chorar seu peccado, & fazer penitencia, conforme o parecer de seu mestre espiritual, & despois tornar a tomar o caminho ordinario dos exercicios, que antes costumava ter. A rezão disto he, porque aquelle que desta maneira

neira cahe ordinariamente se levanta com mayor fervor daquelle que d'antes tinha, & ainda que cahio, nem por isso perdeo os habitos, & uzo das virtudes adquiridas, nem por hum, ou poucos actos peccaminosos fez habito, & uzo de peccados, pera o qual seja necessario tornar desde o principio à via purgativa. O que se prova claramente com o exemplo dos Apostolos São Pedro, & São Thomè, & de outros muitos Santos, os quaes não deixàrão de continuar os exercicios de aproveitados, ou perfectos por aquelle pouco tempo, em q̄ peccàrão, & interromperão o acto continuado do amor. De mais, que aos escolhidos do Senhor, semelhantes cahidas lhes servem pera serem mais verdadeiramente aproveitados, & perfectos, o que muito se deve advirtir, & considerar.

Duvida 4. Acerca destas tres vias, se são verdadeiramente tres caminhos, ou não mais que hum? Respondo, que se podem chamar tres caminhos, & se po-

*Escola de Oração.*

de chamar hum distincto em tres partes; Ponhamos por exemplo se o caminho de Espanha a Roma estivesse de tal maneira disposto, que na primeira parte delle estivessem muitos inimigos com quem o caminhante ouvesse de pelejar, & na segunda parte do caminho não assistissem tantos inimigos, & tambem ouvessem muitas riquezas, & illustres titulos pera os que procedem varonilmente, & o caminhante estivesse aqui menos cõbatido, & pudesse grangear muitos daquelles titulos, & riquezas: & na terceira parte do caminho junto já de Roma, ouvessem aprasiveis jardins, & cristalinas fontes donde o caminhante descansasse, & suavemente gozasse a delectavel conversão do Summo Pontifice; Ainda que pareção tres partes he hũ só o caminho, o qual nos leva sempre ao nosso fim que he Deos. A primeira daquellas partes corresponde o grau dos que começam a vida purgativa: A segunda o grau dos que aproveitaõ na vida illuminativa: A terceira o grau dos perfeitos;

feitos; & a via unitiva; & despois destas tres partes correspõde à Santa Cidade, o felicissimo estado da Gloria.

Duvida 5. Como pode fer hum o caminho, que tem tanta differença de exercicios, q̃ nesta parte não parece correr igualmente na semelhança do caminho material? Respondo, que mui bem pode fer, como claramête se ve pella doutrina dos Santos, que afsinaõ, & poem esta differença de tres graos na mesma charidade, que he hũa só especie de virtude. De maneira que hũa mesma virtude quando começa, se exercita de hũa maneira, quando crece de outra, & quando he consumada, & perfeita d'outra. Afsi como hum homem na infancia, ou mininice procede de hũa maneira, & na mocidade de outra, & de outra na idade de varão, ainda q̃ esta he grãde differença de graos he com tudo isso hũ mesmo homem. E afsi da mesma sorte são as mesmas virtudes em especie. A charidade, paciencia, & humildade, &c. no que começa, no que aproveita, & no

*Escola de Oração.*

perfeito, ainda que ha grandíssima distancia de graos.

Duvida 6. Porque nos tres estados sobreditos fomite se chamão os q̄ aproveitão no segundo estado: pois em verdade os principiantes em seu estado tambem aproveitão na charidade; que he amor de Deos: no qual os perfeitos do terceiro grao muito mais aproveitão que os do segundo, porque pois se não diz de todos que aproveitaõ, se não só os segundos; pois a verdade he, que nesta vida não se ha posto termo à charidade, & amor dos viadores, se não que sempre podem aproveitar, & crescer nessa charidade, & amor de Deos, & o q̄ mais ama, mais aproveita, como são os perfeitos? Respondo, que a verdade he na forma, que na duvida se propoem, he que os principiantes aproveitaõ, & os perfeitos muito mais, com tudo isso os Santos hão acomodados estes nomes aos estudos, ou exercicios, que cada hũ faz, conforme o grao da charidade, em que se acha, como assima dissemos. E  
pella



pellam mesma doutrina se ha de dizer, q̄  
assim como os que começam, & os q̄ apro-  
veitam, & perfeitos todos aproveitam,  
supondo, que o aproveitar seja estudo  
proprio dos segundos; Tambem assim em  
todos os tres estados se purgam de algũ  
põ de imperfeições, ainda que o pur-  
gar se seja proprio dos que começam. E  
assim mesmo se ha de dizer, q̄ não somen-  
te os perfeitos, se não tambem os que a-  
proveitam, & os que começam tratam de  
unirse com Deos nosso Senhor na ma-  
neira que podem ainda que unirse seja  
proprio dos perfeitos. A rezão he, por-  
que todos amam ao Senhor sobre todas  
as cousas, pois estão em charidade a  
qual os move a se unirem com elle: E to-  
dos ainda os perfeitos tem algũa parte,  
que se lhes pega da terra, ainda q̄ pouca  
seja, da qual se purgam, ou limpam, sem  
que por isso deixem de ser pessoas de  
perfeita charidade.

Duvida 7. Se se pode permitir algũas  
vezes, aos que vão aproveitando, & aos  
principiantes algũs exercicios proprios  
dos

*Escola de Oração.*

dos perfeitos? Respondo, que si, v.g. nas festas do Nascimento de Christo nosso Senhor, & na Pascoa do Espirito Santo, que parece estaõ todas dedicadas ao amor, que he proprio exercicio de perfeitos, nesta occasiõ he bem q̃ os principiantes deixem por algum espaço seus proprios exercicios, & se apliquem de todo ao amor divino, conformandose com o Espirito da Santa Igreja Catholica, que naquelles tempos parece arde, & se abraza toda em fogo de amor divino. Ao côtrario costumãõ fazer os perfeitos muitas vezes exercicios proprios de principiantes com rigurosas penitências, & intima dor de seus peccados acompanhada com muitas lagrimas, como se nunca ouvessem chorado suas culpas. Os mestres de espirito advirtãõ o proveito, q̃ vaõ fazendo os discipulos per darlhes exercicios proprios a seu estado, naõ os detendo demasiadamente na via purgativa, nem apressandoos com demasia na via illuminativa. Alguns affinaõ quatro, ou seis mezes (regularmente

mente fallando) pera a via purgativa, esta regra he incerta: mas no estado Religioso não he inconveniente servirle de semelhantes regras, porque vão juntas a via purgativa a via illuminativa, & he conveniênte, que passados alguns mezes despois da vocação se dê mais lugar aos exercicios da via illuminativa. Despois não he necessario por taxa no tempo desta via porque o cômum he ser incerta a medida do aproveitamento, se não procurar ir sempre crescendo nas virtudes, & na luz, & conhecimento de Deos. Finalmente na via unitiva, não ha que finaliar termo, nem fim, pois ella he o principio dos exercicios da eterna vida, que he perduravel, & nunca se ha de acabar. Mas quando se ve, que hum Religioso, ou pessoa reformada ha grangeado muito cabedal das virtudes, sofrendo com valor os impetos da mortificação, & ha alcançado a divina luz, & com affecto amoroso se applica às cousas divinas conveniente he darlhe lugar a que entre na unitiva, com tal condição, que

*Escola de Oração.*

que não se esqueça de aperfeiçoarse nos graos precedentes da purgativa.

Duvida 8. Se pôde hum principiante ter mais alta, & intensa charidade, que aquelle que aproveita, & está em segundo grao? Respondo, que si, & como ensina Santo Thomas 3. *part. quest. 89. art. 2. ad 3.* De sorte, que ainda, que a mesma graça, & charidade, he mayor em hum mesmo homem quando vai aproveitando, q̄ quando he principiante, com tudo isso acontece muitas vezes de outra maneira em diversos homens; de sorte, que alguns começam com mais intensa charidade, do q̄ outros tem quando vão aproveitando, o qual he conveniente pera hũ aviso de grande importancia na doutrina Monastica. Porque ha pessoas de mui pouca idade, que tomão habito de Religião, sem haver cometido graves peccados, & costumão proceder tibiamente, como pessoas, que se não sentem carregadas de grandes dividas: & por esta rezão he moderado o seu aproveitamento; & succede despois

virem

virem alguns homens já de idade, & q̄ hão cometido graves peccados, os quaes como se sentem tão chagados de suas culpas, buscão com mais força o seu remedio, & por isto ainda desde o principio costumão amar mais a Deos, que os primeiros depois de largo tempo de Religiosos exercícios, & com tudo isso estes se exercitão em exercicios proprios de principiantes, & aquelles primeiros andão nos exercicios do segundo grao daquelles que aproveitão: porq̄ estes ainda que tenham mais charidade nem por isso deixão de estar com habitos viciosos da vida passada, & com as vivas paixões de seus appetites, que no mundo tiverão, pello que tem necessidade de applicarse com toda a diligencia à via purgativa.

Duvida 9. Se pôde hum homem immediatamente passar do estado do peccado ao terceiro grao, & via unitiva? Respondo, que si, como ensina Santo Thomas 1. 2. *quest.* 113. *art.* 1. Quando diz, que S. Paulo foi promovido, & levantado

*Escola de Oração.*

vantado a húa perfeita santidade desde o principio de sua justificação, & pode-se crer, q̃ o mesmo haja feito o Senhor com alguns servos seus. Mas este caso he milagroso, & extraordinario modo de andar pello caminho espiritual; & advirtase, que estes previligiados, nem por isso deixão de se ocupar, ainda que perfectos, nos exercicios da via purgativa, & illuminativa com hum modo mais excellente, que o ordinario, como se ve em São Paulo, que castigava seu corpo, & applicavase ao cuidado, & augmento das virtudes com hum Apostolico modo.

Duvida 10. Se ha nestes tres graos de charidade diversas desconsoações, & tentações? Respondo, que conforme a diversidade dos estudos ha tambem diversidade de tentações. De maneira q̃ os que começam, costumão ser tentados graveméte naquellas mesmas materias, em que peccarão, & costumão sentir vehementes impulsos pera as cousas do mundo, causados dos maos habitos, que  
obriuev  
tiverão,

tiverão, & da fereza das paixões, & da  
difficuldade da nova vida.

Os do segundo grau que costumão ser  
tentados de tibeza, frouxidão, curiosi-  
dade, zelos indiscretos, & outras cousas  
semelhantes.

Os perfeitos são tentados da propria  
estimação, & juizo, & outros semelhan-  
tes pontos; ocasionados da excellencia  
das virtudes. Cõ tudo isto se vêm mui-  
tas vezes em os ultimos graos algũas das  
tentações dos primeiros, & ao contra-  
rio custuma acontecer esta mudança  
por maravilhosa dispensação de Divina  
sabedoria a qual cõ isso conserva na hu-  
mildade aos aproveitados, & perfeitos,  
cujas tentações costumão ser, como cou-  
sas, não nascidas intrinsecamente, se não  
como apegadas, & sobrepostas pera ma-  
yor bem dos tentados.

Duvida 11. Se ha consolação, & dif-  
ferêtes illustrações nos ditos tres graos?

Respondo, que si, de maneira, que co-  
mo verdadeiramente são graos de cha-  
ridade distinctos huns de outros; assi té

*Escola de Oração.*

favores distinctos, & huns maiores que outros: de tal forte, que os favores, & regalos dos principiantes são, como os mimos, & caricias que se fazem aos mi-ninos: os regalos daquelles, que apro-veitaõ são de mais subidos quilates: & os dons dos perfeitos são mais altos, & estremados. Quanto a esta doutrina se ha de advirtir muito à dita semelhança, ainda que ha muita differença de hum a outro grao, & dom, porque muitos prin-cipiantes, lendo livros de Santos, não tendo sufficiente luz pera considerar a distancia da perfeição, se tem engana-do, & enganão gravemente, parecen-dolhes, que recebem de Deos consola-ções, & illustrações, como as recebêrão aquelles Santos, & Santas, de quem le-rão as vidas, sem considerarem a diffe-rença, & distancia sobredita, cahindo neste erro, ou ignorancia ocasionada de algũa semelhança em algũas consola-ções, & regalos. Verdade he que muitas vezes ha algũa semelhança, como entre a luz de hũa vela, & a luz do sol; seme-lhança



lhança tem, em quanto hũa, & outra luz alumia, porem a distancia de hũa luz a outrahe mui differente; & alguns principiantes, a quem falta a experiencia daquella estremada luz dos perfectos, quando recebem algum rayo semelhante à claridade de hũa vela, enganãose, tendo pera si, q̄ recebem aquelle rayo da luz do sol, como os perfectos o gozão; o que tudo lhes nasce da admiração companheira da ignorancia, com a qual não chegaõ, nem podem alcançar aquelles suaves deleites, & admiraveis illustrações com que o Senhor suavisa a seus amados seguidores. Porque por ser aquelle rayo de luz superior, a q̄ lhes parece, que não ha nesta vida cousa, a que se possa comparar, & disto se admiraõ muito considerando, q̄ he daquellas mais estremadas illustrações, & consolações dos Santos não sendo, se não das minimas.

Duvida 12. Se ha alguns sinaes pera conhecer hũa alma se aproveita, & vai aproveitando no caminho da virtude,

*Escola de Oração.*

& perfeição; que fica dividida nos tres graos sobreditos? Respondo, que si, & pondo de parte muitas couças, que parecem de pouco proveito, digo, que em todas as virtudes, assi na divina charidade, como em qualquer outra podemos distinguir tres graos.

O primeiro, he preposito firme de obrar aquella virtude nas occasiões, que se offerecem. O 2. he a fortaleza, & constancia nas occasiões, sentindo as difficuldades das virtudes, mas vencendoas cõ o affecto pella estimação, & amor da virtude. O 3. he obrar os actos, que antes lhe eraõ difficultosos, & defabridos, com gosto, & facilidade. Quando hum feryo de Deos ve, & considera, que não fomite tem firme preposito de exercitar os actos virtuosos, se não, que realmente vence as difficuldades, & sofre as amarguras da virtude, vencendose assi mesmo com effeito por obrar conforme essa virtude provavelmente pode conjecturar, que vai aproveitando com a divina graça, & quando ve, que a virtu-

de

de se lhe representa facil, & suave, depois daquella difficuldade, & asperesa, que primeiro sentia, pode já com mais fundamento conjecturar, & imaginar, q̄ com a divina graça vai aproveitando no caminho de sua salvação.

Duvida 13. Se nesta conjectura cuncta haver algum engano? Respondo, que si, porque acontece muitas vezes, q̄ Deos nosso Senhor caricia, & trata suavemente aos principiantes, consolandoos, & illustrandoos, & confortandoos de tal sorte, que lhe facilita o caminho, & em quanto durão aquellas caricias espirituaes, parcelhes, q̄ não ha no mundo difficuldade, que lhes possa fazer rosto, & tem por suaves as obras de virtude, de sorte, que em si mesmos vêm semelhantes cousas àquellas, que lograõ os aproveitados, aos quaes depois de muitas victorias se lhes facilita, & suavisa a virtude; Mas enganãose estes taes, porque aquella suavidade, que sentem nas obras virtuosas não he pello aproveitamento, & victorias, que hajão al-

*Escola de Oração.*

cançado, se não porque o Senhor lhes adormece, & foflega as paixões com aquellas consolações sensíveis, dourando a pirola amargosa da difficuldade com aquella ouro da consolação. Mas real, & verdadeiramente ainda estes, que así se sentem consolados não tem grangeado seu aproveitamento, de maneira, que estejão no segundo estado dos que crescem, & aproveitaõ. O que se ve claramente, porque passadas aquellas caricias da mininice espiritual se levantão as paixões, despertando com tal violencia, & impeto, que lhes mostra claramente, como são soldados novos bisonhos, & ainda não são dos aproveitados, & fundados nas virtudes solidas, & verdadeiras. Mas com tudo, quando os taes resistem varonilmente às paixões, que com força se levantaõ, ordinariamente aproveitaõ mais, do que aproveitavaõ, quando eraõ mimosos lhes parecia que amavaõ já muito a Deos, & se tinhão avêtejado no sequito das virtudes.

Duvida 14. Se os perfeitos, cujos mais proprios exercicios são amor, & cótemplação da divindade hão de alcançar de si toda a imagem de cousas corporaes? Respondo, que não se devem privar das imagés da humanidade de Christo nosso Senhor em quem muitas vezes devem empregar seus pensamentos, ainda os mais perfeitos, não passando todo o tempo em cousas intellectuaes, se não cõsiderando de quando em quando os mysterios da humanidade, por ser Christo Senhor nosso a guia, & exemplar de toda a perfeição. Acerca da Virgem Sacratissima, & dos Santos he conveniente empregar-se algum pouco de tempo de quando em quando, procurando apreheçoarse sempre mais em sua imitação, não se contentando com o que d'antes fizerão nesta parte. He doutrina da Santa Madre Theresa de Iesus, que neste particular falla com grande acerto, & discrição.

Duvida 15. Se os perfeitos conhecem algũa vez, que estão naquelle estado de

*Escola de Oração.*

perfeição, sem detrimento da humildade? Respondo, que si, o que pòde ser por via extraordinaria, isto he por revelação como em São Paulo. E ainda por via não tanto extraordinaria, quando o Senhor com particular luz sua lhe faz conhecer em si mesmos hũa maravilhosa mudança, & juntamente lhes dà luz, & graça pera que vejão, que todo aquelle tão grande bẽ vem dado da mão de Deos, & não delles: & isto com intimo sentimento de humildade, agradecimento, amor, & temor filial de offender a sua Divina Magestade. Mas advirto, que não convem, que os espirituaes, q̃ vão por este caminho se ponhão miudamente a examinar, em q̃ grao estão, ou andão, se não, que de todo se apliquem a caminhar, & o julgar, & afsinar os exercicios o deixem pera discrição de seus mestres, ou pays espirituaes.

Duvida 16. Qual he o caminho mais breve pera chegar a perfeição? Respondo, que he a humildade, como o mostrão os Santos com seu exemplo. De maneira

neira que aquelle q̄ de veras tratar de humilhar-se em todas as cousas ferà em breve espaço levantado a hum alto grao de perfeição, & charidade, & amor de Deos.

## TRATADO VIII.

*Da vida Activa, & Contemplativa, na qual se declara que cousa seja Contemplanção.*

1



Vando os Santos tratão destas duas vias, tratão do homem conforme o entendimento, o qual se divide em activo, contemplativo, ou pratico, & espectralivo. Pratico he aquelle que tem por fim algũa acção exterior, & diversas interiores, fóra do entendimento, as quaes se ordenão à noticia pratica, ou activa. A especulativa he aquella, q̄ tem por fim o conhecimento da verdade, a qual atenta, & adverte a vida contemplativa. Por este nome, vida, querem

## *Escola de Oração.*

significar aquelle exercicio, ou continuação de actos a que cada qual mais se applica: os quaes se se ordenão à contemplação fazem a vida contemplativa, & se são ordenados a acção fazem a vida activa.

2 Duvida 1. Que actos pertencem à vida activa? Respondo, que lhe pertencem todos os actos das virtudes moraes, porque todos são ordenados não a conhecer, nem a entender, se não a obrar. De forte, que o estudo dos actos não somente exteriores, como são as acçoens manuaes dos exercicios desta vida, & outros bons actos obrados em utilidade dos proximos, como em pregar, confessar, ler & outros semelhantes: se não tambem o estudo dos actos interiores das virtudes moraes, como são os da obediencia. Humildade, paciencia, fortaleza, castidade, &c. juntamente com os actos exteriores das mesmas virtudes, todos convem à vida activa, & juntamente o exercicio da mortificação das paixões, & sentidos exteriores, & interiores.



riores. Este he hum grande campo, pelo qual passaõ huns cultivandoo, & lavrandoo com muito aproveitamêto espirital de suas almas: outros se perdem neste campo. Os bons Religiosos, & pessoas virtuosas passaõ por este campo com felicidade, porque a parte da vida activa, que exercitãõ naõ he por respeitos temporaes, se naõ por rezoês espirituales, que sãõ de muito merecimento.

3 Duvida 2. Se esta vida activa se acharà no estado da gloria? Respondo, q̃ naõ, porque cessarà a occupação exterior, & se então ouver alguns actos exteriores, se referirãõ alguns delles ao fim da contemplação, & por essa causa pertencerãõ à vida contemplativa, & se as virtudes moraes, que produzem actos interiores pera reformação do homem na presente vida, então naõ produzirão esta actos, se naõ outros pertencentes à vida contemplativa. Ponhamos por exemplo: As virtudes, que regem as paixões naõ servirãõ então pera mortificallas, se naõ pera conservar hũa admira-

*Escola de Oração.*

vel quietação na parte inferior, donde estão as paixões, & aquella quietação se referirá à vida contemplativa da gloria.

4. Duvida 3. Que actos pertencem à vida contemplativa? Respondo, q̄ pertencem quatro maneiras de actos, que são. A 1. os actos das virtudes moraes, como disposições em quanto aquietão as paixões, & poem termo às occupaões exteriores, pera q̄ ellas não perturbem a alma. A 2. os actos do entendimento, & d'outras partes do homem, q̄ não são cõtemplaçoões, mas são disposições precedentes, como a lição, a meditação, a consideração, &c. A 3. os actos de contemplação dos divinos effeitos. A 4. o acto da contemplação da Divina verdade. As tres especies de actos são disposições. A 4. he elle proprio, & principal acto, no qual consiste a vida contemplativa.

5. Duvida 4. Se a vida contemplativa está toda no entendimento? Resdondo, que essencialmente está no entendimẽto, porque o acto da contemplação he obra

obra do entendimento, mas acabase na vontade com hũ ineffavel deleite, porq̃ então arde maravilhosamente a divina charidade com a noticia das perfeições divinas.

6 Duvida 5. Se a vida contemplativa dura pera sempre? Respondo, que si: mas né sempre de hũa mesma maneira, porq̃ não he hum mesmo o modo de cõtemplar nesta vida, & na outra, que nesta vida contemplase por inigma, & confusamente, & na eterna vida, serà a contemplação com a clara vista de Deos, pois quando os Santos dizem, que a vida cõtemplativa permanece, ou persevera no Cèo, hase de entender em hum sentido universal, q̃ inclue, & enferra em si hum, & outro modo de contemplar, porque esta vida contemplativa he hum principio, ou hum modo de contemplar imperfeito, que se ha de aperfeiçoar mudandose em outro modo tambem contemplativo, mas perfeitoissimo: Como se dissesemos, que se hum homem, q̃ antes era Rey de hum pequeno Reyno, &

des-

*Escola de Oração.*

depois se melhora a outro Reyno maior, sempre este tal persevera em ser Rey.

7 Duvida 6. Que cousa he contemplação? Respondo, que contemplação he hum acto, ou húa vista do entendimento, com o qual entende, ou olha pura, & quietamente as cousas. O qual se entenderà com esta differença, que ha entre a meditação, & contemplação. A meditação he hum discurso do entendimento, que vai buscando a verdade. A contemplação he húa vista quieta da verdade achada. Deforte, que a meditação he hum caminho, à contemplação he como hum termo do mesmo caminho.

Advirtase que, o q̄ se ha dito da meditação, que he caminho pera a cõtemplação, se entende de todas as partes da oração, q̄ ordinariamente se uzão, porq̄ por todas ellas se caminha, & se busca o termo da contemplação, & nesta materia terà bom voto aquelle, que exercitando as sobreditas partes da oração for levantado do Senhor à verdadeira  
con-

contemplação, a qual se não alcança por nossas diligencias, nem quando a alma a quer, & procura, como quando ora mentalmente, se não somente vem por singular graça do Senhor, que suspende a alma à contemplação quando quer, & he servido.

8 Duvida 7. Qual he a contemplação divina? Respondo, que he aquella, que se exercita com o dom do Espírito Santo, que chamão Sabedoria. Pera entenderse esta resposta que he commua doutrina, dos que hão escrito da Divina contemplação, se ha de notar: que ha contemplação natural de Deos em quanto he Author da natureza, & acerca das cousas, ou verdades naturaes; & ha contemplação sobre natural de Deos em quanto Author da graça, & dos mysterios, & obras sobre naturaes; & finalmente ha contemplação divina do mesmo Deos, & de suas divinas perfeições por meyo do dom da Sabedoria, que he dizer que ha húa vista do entendimento, pura, perspicaz, & quieta, com a qual al-  
gũas

## *Escola de Oração.*

gũas vezes com o lume natural se ve, ou entende a natural verdade, & às vezes se conhece com lume sobre natural algum mysterio sobre natural (à qual vista se pode reduzir o conhecimento de algũa verdade natural alcançado com luz sobre natural) & às vezes se conhece com luz sobre natural algũa especia-  
líssima perfeição divina com o dom da sabedoria. Da primeira maneira cõtémplão algũa vez os Philosophos, que depois de haverem discorrido sobre algũ segredo natural chegam a hũa clara intelligencia, quieta, & penetrante della, & o entendimento se quieta, apacenta, & deleita naquelle objecto com algũa suspensão. Da segunda maneira cõtémplão algũas vezes os servos de Deos cõ hum conhecimento admiravel dos mysterios da graça, conhecêdoos com hũa noticia quieta, & perspicaz com suspensão do animo. E desta sorte cõtémplão tambem muitas vezes os Prophetas acerca das cousas sobre naturaes, ou acerca das naturaes com luz sobre natural.

Da

Da terceira maneira contemplão os q̄ tem o dom da Sabedoria, & de mais delle recebem com especial auxilio hũa luz divina actual, com a qual produzem o acto da divina contemplação acerca das perfeições divinas com admiração, & suspensão de animo. Este acto se põde definir desta maneira com São Boaventura; *in 3. Iten. Etern.*

Contemplação he hum acto do entendimento não impedido, perfeito cõ a graça, aplicado aos espetaculos, & vistas eternas com cuja vista se suspende, & admira no interior de sua alma. Chama-se acto do entendimento não impedido, porque pera contemplar as cousas divinas he necessario abstrahirse, ou apartarse dos negoceos terrestres, & do empedimento das paixões, & humanos pensamentos. Dizemos que o entendimento ha de estar saõ, & perfeito com a graça porque sua luz he a que tira a ignorancia, & cegueira, & priva das trevas, que empedem o perfeito acto da contemplação, & porque tambem a cõ-

T

templa-

*Escola de Oração.*

templação divina he acto produzido da Sabedoria, que está sempre com a graça gratum faciente, conforme Santo Thomas. Dizemos, que ha de ser attento, & applicado (isto he q̄ se attenda, & applique) aos eternos espectaculos, porque a contemplaçõ divina, sempre olha objectos divinos, & eternos, como são a bondade, magestade, fermosura, infinidade, eternidade, & outras perfeiçõs da divina natureza. Dizemos suspenso com admiraçãõ, porque se admira muito, & se espanta das grandezas, que conhece com o acto divino, & esta vem a ser a divina contemplaçãõ taõ celebrada dos Santos, & aquella, a que aspiraõ os que exercitaõ a vida contemplativa.

9 Duvida 8. Que dom he este da Sabedoria? Respondo, que he hum dom altissimo, & perfeitissimo, que está posto no entendimento, & serve pera contemplar as cousas divinas, & pera encaminhar as cousas humanas pellas regras divinas. De forte, que primeiro serve pera hũa pura noticia sublime, & quieta  
das

*S. Thom.*  
2.2.9.45  
art. 2. Q  
3.



das perfeições divinas, & despois pera a direcção das cousas humanas conforme a noticia das divinas, & destes dous actos: o primeiro se chama contemplação divina. De sorte que a contemplação divina he hum acto do dom da Sabedoria, como affirma São Boaventura 3. part. *Itin. Etern. dist. 2.* Esta doutrina he conforme Santo Thomas 1. part. *quæst. 43. art. 5. adjuncto 2. dub. 9.*

10 Duvida 9. Quam excellente seja esta noticia da Sabedoria, q̄ chamão contemplação divina? Respondo, q̄ he hũa noticia admirabilissima, tranquilissima, candidissima, & subtilissima das cousas divinas, das quaes julga quem as cõtempla com hum modo affectivo, profupõdo a divina charidade na vontade, a qual inflamma, & cresce grandissimamente com aquella noticia que tem das perfeições divinas. O dom do Espírito Santo chamado entendimento, serve pera apreheensão, das perfeições divinas, mas o dom da Sabedoria serve pera fazer juizo dellas pello acto da con-

*Escola de Oração.*

templação.

11 Duvida 10. Se esta taõ sublime noticia, que se chama propriamente contemplação divina, he delectavel? Respondo com a cõmun doutrina dos Santos, que a experimentarão, que he dilihiosissima sobre todas as consolaçoens humanas, & que toda a eloquencia do mundo naõ basta pera declarala, ou della fallar dignamente.

12 Duvida 11. Que effeitos custuma fazer a contemplação divina nas almas? Respondo, que as muda maravilhosamente sobre tudo, o que se pode explicar com humana lingua, & pella experiencia, que vemos em alguns servos de Deos nosso Senhor, favorecidos cõ este singular dom em quarto de ora de contemplação custuma fazer mais impressão em hũa alma, que muitos annos de oração ordinaria. Porque a alma, que hũa vez custuma gozar deste favor, que o Rey celestial, & Pay das misericordias lhe communica, recolhendoa no thalamo de suas celestiaes delicias, fica de tal  
manei-

maneira deliciosamente elevada na divina fermosura, que no mesmo instante despreza todas as cousas da terra por mui estremadas que sejaõ, exercitando-se com toda a resoluçãõ em se mortificar, & humilhar, & offerecerse a todas as cousas, que a podem conduzir a mayor honra, & gloria de Deos nosso Senhor, sem tratar de vida, nem de morte, & menos de algum bem, se não só de em tudo agradar a sua Divina Magestade.

13 Duvida 12. Que quer dizer, que todos os que estão em estado de graça tem o dom da Sabedoria sendo taõ raros os q̃ tem o dom da contemplaçãõ? Respondo, que pode haver muitas causas desta esterilidade, & secura; como taõ a pouca pureza da vida, dando lugar a muitos peccados veniaes, às muitas occupaçoẽs, à pouca estimaçãõ da divina communicaçãõ, & outras imperfeiçãoes semelhantes. Hase de advirtir, que a todos os justos ferve o dom da Sabedoria (como tambem os mais dons do Espírito Santo) quanto he necessario pera sua

## Escola de Oração.

faude, tanto pera fazer juizo, & estimação das cousas divinas, quanto pera ordenar as cousas humanas, conforme as regras divinas, he doutrina de S. Thomas 2.2. *quest. 45. art. 5.* mas são muito poucos aquelles que vivem com tanta guarda do coração, pera que cheguem, & alcancem a propria contéplação divina, & gozem aquella dulcíssima, & amoro sísima armonicação de Deos, que he commum principio da eterna felicidade, & gozo da gloria, ainda q̄ he verdade, que não são tão poucos aquelles, q̄ chegão a outros inferiores graos de contéplação.

14. Duvida 13. Qual he o mais ordinario caminho, & direita estrada pera a contéplação? Respondo, que he o exercicio da oração, porque conforme a doutrina dos Santos he cousa rara, & como milagrosa ter o dom da contéplação sem que preceda a oração; & assi o q̄ deseja aquelle preciosissimo dom da contéplação aplique-se a orar, como se deve, apartandose de cousas, &

nego-

negoceos, que lhe impedem a quietação interior de sua alma, & a comunicação divina. Esta doutrina deve mover muito às pessoas espirituaes, pera q̄ vivaõ com grande mortificação, não perdoando a trabalho algũ só por chegar a qualquer grao da contemplação, ainda que seja dos minimos della; Não tanto pella intima consolação delles, quanto pella perfeição da vida, q̄ com ella se alcança, & pello gosto, que recebe sua Divina Magestade da estreita comunicação, que pella contemplação té com os homens.

15 Duvida 14. Se ha diferentes maneiras de contemplação? Respondo, q̄ si, como se pode ver nos livros da Santa Madre Theresa, os quaes estão cheyos de sabedoria Divina: porque aquellas differenças de oração, de recolhimento interior, de quietação, de uniaõ, de matrimonio espiritual, de vò de espirito, &c. todos são diferentes modos, & graos de contemplação sobre natural, mas nem todos são sempre graos da có-

## Escola de Oração.

templação divina, porque debaixo daquelles nomes pode haver diversa elevação, & excellencia de luz interior, diversos objectos, & diversos graos de perfeição, de que se não pode determinar numero certo, nem grao, certo de perfeição, porque Deos nosso Senhor os pode mudar, como quizer, quanto ao numero, & quanto à perfeição.

16 Duvida 15. Se custuma a contemplação divina dilatar-se muito tempo? Respondo cõforme a doutrina dos Santos, que dura pouco nesta vida, ainda q̃ a vida contemplativa de si seja duravelissima. Desta doutrina dà bom testemunho Santo Agostinho *lib. 10. confes. c. 40.* o qual se lamentava nas suas confissões daquelle brevissimo espaço de q̃ gozava da união, & doçura de Deos, & da pressa com q̃ tornava às cousas creadas, o que succede pello pezo do corpo, & das necessidades da vida mortal. E advirtase, que isto he o que ordinariamente succede: mas não he contra esta doutrina aquillo, que d'alguns Santos se  
lê,

lê, que estiverão muito tempo abstrahidos, & suspensos na contemplação.

Pois acerca da duração ordinaria não he necessario declarar, nem determinar se he hum quarto de ora, ou meya, ou tres quartos mais, ou menos. Basta saber que o tempo he breve, & que a contemplação em brevissimo tempo, v. g. em hum quarto de ora causa admiraveis effeitos.

17 Duvida 16. Qual vida he de mayor merecimento, a activa, ou a contemplativa? Respondo, que a contemplativa he de mayor merecimento conforme sua natureza, a qual he commum sentença dos Santos, porque se ocupa mais directamente em amor de Deos, no qual consiste o merecimento: mas pode ser accidentalmente, que hũa alma mereça mais na vida activa, que outra na contemplativa, Santo Thomas 2. 2. *quest.* 182. *art.* 2. como se pella abundancia do divino amor hum servo de Deos se quisesse privar, ainda da doçura da cõtemplação por aproveitar aos proximos.

*Escola de Oração.*

18 Duvida 17. Se a vida dos solitarios, que só attendem, & se applicão à contem-  
plação, he mais perfeita, que a contem-  
plação Monastica? Respondo, que si; se  
se toma como convem, v. g. se se toma  
despois do exercicio da monastica, por-  
que desta maneira supoem, que já tem  
ganhada, a perfeição com a companhia  
dos outros, que ajudão pera alumiar o  
entendimento, & emendar o affecto:  
d'outra maneira he mui perigosa, como  
ensina Santo Thomas 2. 2. *quest.* 188.  
*art.* 8. & por tanto o que a escolhe por  
salto, sem haver alcançado a perfeição  
gravemente erra, se o Senhor não acode  
com algum privilegio de graça extra-  
ordinaria, como o fez com alguns il-  
lustres Santos, como com San-  
to Antonio, & São

Bento.

(:):

TRATA-



## TRATADO IX.

*Dos frutos, & dons do Espirito Santo,  
& das bemaventuranças.*



S pessoas, que tratão de espirito, principalmente os que são mestres, & hão de julgar as acções alheas, devem fazer particular estudo dos dons, & frutos do Espirito Santo, & das bemaventuranças, por quanto muitas das cousas espirituas, & divinas, que o Senhor obra nas almas pertencem aos ditos dons, frutos, & bemaventuranças. Mas vemos que ha pouca noticia destas cousas nos livros espirituas, & por esta razão ferà serviço do Senhor, & bem dos proximos dizer brevemente, & com distincção os pontos principaes desta materia.

2 Suponho com Santo Thomas 1. 2. q. 68. que os dons do Espirito Santo, são huns habitos certos, & excellentes, que  
o Se-

*Escola de Oração.*

o Senhor aos justos cōmunica, os quaes fervem às potências d'alma aonde estão, pera fazer actos excellentes, & heroicos com impulso do Espirito Santo. De maneira, que em produzir, & obrar aquelles actos he a alma movida do Espirito Santo, & os dons se lhe communicão, pera que se deixe mover facilmente daquelle Divino Espirito, porque ainda q̃ as virtudes theologaes são mais perfectas, que os dons, & communicão à alma hũa grande perfeição pera que toda se ocupe em Deos, que he o fim, & objecto daquellas virtudes, mas não participa a alma tão perfeitamente das ditas virtudes, q̃ deixa de necessitar destes dons, como de ajudas necessarias pera ser facilmente movida do Espirito Santo dōde nasce, que com estes dons fica a alma agil, & se move pera Deos, como levada, & impelida, & com as virtudes theologaes assi mesma se move mais activamente.

3 Dissêmos, que os dons do Espirito Santo não chegaram às virtudes theologaes,

gaes, advirtindose, que são mais excellentes, que todas as mais virtudes, ainda que as moraes infusas; porque os dons do Espirito Santo aperfeiçoão a alma em ordem a Deos immediatamente, o que não fazem as outras virtudes.

4 O numero dos dons do Espirito Santo celebrados na Sagrada Escritura, & livros dos Santos he o septenario seguinte. Sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, sciencia, piedade, temor de Deos, entre os quaes dons os quatro de sabedoria, entendimento, sciencia, & conselho, estão no entendimêto, o dom da piedade está na vontade, o dom do temor está na parte cócupiscivel, o dom da fortaleza está na parte irascivel, de sorte, que todas as partes do homem, donde estão os habitos das virtudes têm a companhia de algum dom do Espirito Santo.

5 O dom do entendimento serve pera fazer boa, & perfeita apprehensão, & conceito das cousas divinas, que ensina a fé, de maneira, que serve este dom do entendiment-

## *Escola de Oração.*

tendimento pera entêder aquellas cou-  
fas com hum modo de penetração, &  
divina subtileza. O dom da fabledoria  
serve pera julgar bem das coufas divi-  
nas, & das coufas creadas por rezoês di-  
vinas. O dom da sciencia serve pera bê  
julgar, quanto às coufas creadas. O dom  
de conselho serve pera inferir, & con-  
cluir do juizo, que se faz com os dons da  
fabledoria, & sciencia, àquillo, que em  
particular se ha de fazer. Os quaes qua-  
tro actos dos quatro dons se fazem com  
o impulso sobredito do Espirito Santo.  
O dom de piedade serve pera dar, & sa-  
tisfazer a Deos, como a Pay a divida hõ-  
ra, & tambem, pera satisfazer, a que aos  
Santos se deve: & por este respeito at-  
tende ao divino culto. O dom de temor  
serve pera retirar o appetite concupisci-  
vel, donde está, das coufas delectaveis  
peccaminosamente, que como taes em-  
pedem o bem d'alma. O temor se divi-  
de em fervil, inicial, & filial. O temor  
fervil he aquelle, com que hum homem  
teme as penas, que Deos ha ordenado

contra os peccados , & por este respeito foge de peccar, obrando bem; Bom he este temor , quando procede do amor proprio bem ordenado , q̄ he não querer padecer o dano da pena, se não estar com bem, não tendo por ultimo fim aquelle estar sem pena, se não tendo por bom estado, que se pode referir a Deos, como a ultimo fim. O temor inicial he hum temor filial, mas imperfeito , que de tal maneira teme a offensa de Deos, que juntamente teme a pena, & se ajuda do temor servil pera bem obrar. O temor filial he aquelle , com o qual o homem teme offender a Deos por ser que he, & apartarse delle pello peccado. Estes tres temores são differentes do temor mundano, com o qual o homem de tal maneira teme algum mal , ou descomodidade desta vida , & por esta razão teme offender a Deos mortalmente. Entre estes ditos temores o mundano não he dom do Espirito Santo, nem menos o servil se conta entre os sete dons, porq̄ pòde estar com vontade de peccar , como

*Escola de Oração.*

mo diz Santo Agostinho allegado por Santo Thomas 2.2. *quest.* 19. *art.* 9. Cõ tudo isto conforme sua sustancia he bõ, ainda, que a servidão he mà, como diz o mesmo Santo Thomas, assi como a fee sem charidade, quanto à sustancia he boa ainda que a infirmitade he mà. O temor inicial cõforme sua sustancia, ou essencia he da mesma especie, que o filial, ainda que dà lugar àquella mistura de servil, da qual se distingue quanto à essencia.

Não se conta entre os sete dons do Espirito Santo, se não só o temor filial, que por outro nome se chama temor casto proporcionado à perfeita charidade, a qual lança fora o temor servil, q̃ não pòde estar com a charidade em quanto servil, porque não se chama servil, se não quando teme a pena como mal principal, a qual he contra a charidade, & temor filial: mas a sustancia do temor servil pòde estar com a charidade, excluida a servidão, de maneira, que possa estar juntamente com a charidade

de. O temor da pena sem servidão, em fim aquelle temor da pena se vai diminuindo ao passo, q̄ vai crescendo a charidade, a qual quando he perfeita não teme a pena. O dom de fortaleza, que está na parte irascivel, serve pera vencer as difficuldades, & perigos, que empedem o serviço de Deos, & união com sua Divina Magestade, & em todos os actos sobre ditos dos sete dons do Espirito Santo ha algũa excellencia no modo de obralos, conforme a monção do Divino Espirito.

6 A estes excellentes dons se attribue os progressos admiraveis, que os servos de Deos obrão com singular monção do Espirito Santo; fóra do modo de obrar ordinario; do qual se achão exemplos na Escritura Sagrada, & historias dos Santos, v. g. ao dom do entendimento, que serve pera alcançar, & penetrar as cousas da Fee se attribue hũa sutil intelligencia de muitos Santos, & Santas, aos quaes lhe parecia, que maravilhosamente entendião os mysterios divinos.

*Escola de Oração.*

Ao dom da sabedoria se atribue a divina contemplação, com a qual os Santos, & Santas fazião hum juizo, como conatural das cousas divinas, unindose a ellas estreitissimamente com purissimo amor. Ao dom da sciencia se atribue a discricão, & o saber discernir, conhecer, & estimar as verdades catholicas, q̄ nos propoem a Santa Igreja nossa mãy as quaes estremadamête souberão discernir os Santos, refutando os contrarios erros. Ao dom do conselho se atribuem certas eleiçõs de estado maravilhosas, & estupendas, achando a rezão da conveniencia entre a suspensão, & escuridades desta vida, & muitas decisõs em casos particulares semelhantes àquelle de Salamão, *3. lib. Reg. 1. 25.* quando julgou, que fosse dividido hum minino que duas mulheres pedião cada hũa por seu, & assi cõ particular impulso do Espirito São descubrio, qual fosse sua verdadeira mãy, semelhante foy tambem aquelle juizo, & sentença de Daniel *Dan. 13. 51.* quando livrou a Susana com a  
quella



quelle conselho de julgar os dous malvados velhos, & cóyencelos em presença do povo. Ao dom da piedade se atribuem muitas cousas extraordinarias, q̃ fazem os Santos, & fazião por gloria, & honra de sua Divina Magestade, pondose em campo, & não podendo soffrer, que a honra, que só he devida a Deos se desse aos Idolos; & assi mesmo não soffrendo, que se negasse o respeito às Sagradas Imagens, & menos, que se perdesse o decoro às cousas Santas, mas antes publicamente reprehendião aos tyranos, & hereges. Ao dom do temor se atribuem alguns actos heroicos, que os Santos, & Santas obrarão, pois entre as occasiões vehementissimas de perder a castidade tiverão de tal sorte enfreada a concupiscência sensual com aquelle temor santo, & com elle forão de tal maneira movidos pello Espirito Santo que varonilmente conservarão a pureza, vencendo os perigos, & occasiões, q̃ outros, q̃ assi não fossem alumados do Divino Espirito, não poderião resistir a tão forte

*Escola de Oração.*

certamen, como as historias publicão.

Ao dom da fortaleza se atribue o animo, & valor dos martyres, que sem temor da morte se arrojavão aos mayores perigos, como se foraõ leões. Tambem na Ley Escrita ouve muitos exemplos como de Sanção, *Iud.* 16. quando derribou as columnas, matandose assi mesmo com todos os inimigos, q̄ naquelle templo estavão, & o exemplo de Eleafaro *1. Machab.* 6. 43. que se poz debayxo do elefante, matandoo, & ficando morto juntamente.

7 O que fica dito serve pera as pessoas espirituas se não turbarẽ quando vêm, que outros servos de Dees obrão coufas, que parecem mui extraordinarias, & pouco advertidas: & pera suspender o juizo, crendo ser conselho do Espirito Santo, como o foy quando David se fingio louco em presença d'El Rey de Gteh, *1. Reg.* 2 & como quando despio as vestes reaes, & dançou em presença da Arca do Testamento *13. 2. Reg.* 6. 14. & quando Santo Aleyxo fugio, & deixou  
a Roma,

a Roma, casa, & mulher, zombando do mundo por modo nunca visto, & como o fez Alexandre o carvoeiro, (homem de grande sciencia, o qual fazia, & vendia carvão por ser do mundo escarnecido, & encubrir a grande sciencia, de que era dotado: E o mesmo se ha visto em outros muitos casos semelhantes.

8 A intelligencia dos dons do Espirito Santo he mui necessaria, pera entender as cousas interiores, & espirituaes, mais levantadas da contemplaçã, & da mystica Theologia, porque o Theologo, q̄ sabe, que qualquer homem, que está em graça de Deos nosso Senhor, tem muitos habitos infusos, em o entendimento inseparaveis da divina graça, q̄ servem, ou pera penetrar as cousas divinas, como no dom do entendimento, ou pera divinamente contemplar, como o dom da sabedoria, do qual he acto licito, & proprio da divina contemplaçã: Terá fundamento de sciencia theologica, pera julgar dos conhecimentos sublimes interiores, & dos divinos gostos, que o

*Escola de Oração.*

Senhor comunica às almas puras pelo nobilissimo dom da sabedoria, o qual de tal maneira illustra o entendimento, que serve pera inflamar a vontade, & fazela capaz dos divinos delcites.

9 Acerca dos frutos do Espirito Santo, & das bemaventuranças, deixando algúas distincções pouco necessarias dos Theologos, que não importaõ a nosso preposito, basta advertir, como os frutos, & bemaventuranças não são habitos, se não actos das virtudes, & dos dons do Espirito Santo de sorte, que os actos das virtudes se chamão frutos, porque são certos ultimos effeitos, & delectaveis do homem, à semelhança dos frutos das arvores, que são a cousa ultima, & mais aprasivel, q̄ produzem. Estes mesmos se chamaõ frutos do Espirito Santo, em quanto se produzem pella graça do Espirito Santo como por virtude de hũa celestial sementeira. Porém as bemaventuranças tem juntamente o serem actos mais perfeitos, & excellentes, de sorte, que incluem em si a  
perfei.

perfeição dos fruitos, & se adiantão a mais. É por esta excellencia as bemaventuranças se atribuem aos dons do Espírito Santo, como aſſima fica dito, ſervêpera fazer actos excellentes, & heroicos, & os fruitos se atribuem às virtudes, ainda q̄ não ſejaõ virtudes tão excellentes. Verdade he, que algúas vezes as bemaventuranças ſeraõ actos das virtudes, & os fruitos bem podem ſer dos dons; & por tanto a applicação, & a atenção principal ha de ſer caminhar à perfeição dos actos, em o q̄ conſiſte a mais notavel differença.

10 Quanto aos fruitos do Espírito Santo não ſe nos offerece outra couſa, que por ora expliquemos, ſe não, que ſaõ actos eſtremados, como ſe ve nos q̄ contou o Apoſtolo, charidade, gozo, paz, paciencia, benignidade, bondade, longanimidade, manſidão, ſee, modestia, continencia, caſtidade. Deſorte, que a intenção do Apoſtolo foi dizer, que o Espírito Santo produz eſtes fruitos nas peſſoas juſtas, & virtuoſas com grande

*Escola de Oração.*

consolação dessas cousas, como dadas do mesmo Deos: Que são o amor, & a interior alegria, & paz interior, a paciência nos trabalhos, a suavidade, & quietação no trato, a bondade o estar sem malicia, mais dons: os quaes se haõ de considerar sempre unidos nas pessoas espirituaes, que recebem de Deos nosso Senhor visitas, & favores celestiaes.

Porque se juntão com boas conjecturas os fructos do Espirito Santo nestas almas assi dispostas, se pode fazer provavel argumento, que são governadas pelo Divino Espirito. Advirtase, que não quis o Apostolo contar todos os fructos do Espirito Santo, se não os principaes, como advertio S. Thomas 1. 2. *quest.* 70. *art.* 4.º que se ha de dizer da mesma sorte das bemaventuranças.

II Acerca das bemaventuranças se ha de advertir a excellencia dos actos, porque são tão excellentes, que se podem chamar hum principio da ultima, & eterna bemaventurança: porque a alma, que com a divina graça produz aquelles

les actos, tem chegado a húa perfeição de vida mui semelhante àquella, que os bemaventurados gozão nesse Cèo. Soponhamos com a opinião de Santo Agostinho *lib. 1. de serm. Dom. in monte.* Quer este Santo, que os premios, que Christo Senhor nosso neste sermaõ afinala se gostão antecipadamente já nesta vida, ou soponhamos a contraria de Santo Ambrosio *lib. 5. in Luc. cap. 6.* porque de qualquer maneira, que o expliquemos he certo, que a perfeição, có que esta alma vive he admiravel, & mui chegada ao estado da gloria, pera cujo alcance serve maravilhosamente aquelles actos, q̄ por isso são chamados bemaventuranças.

12 O estado daquelles aquem Christo nosso Senhor chama bemaventurados he tal, que com a pobreza de espirito, q̄ a humildade contraria ao inchado vento da soberba produz certos actos de altissimo desprezo de si mesmos, no qual desprezo estão gozando estremadamente do Reyno celeste. Os mansos,

*Escola de Oração.*

de coração produzem certos actos admiraveis da mansidão, com a qual alcanção muitas victorias deste miseravel mundo triumphando da ira dos capitães inimigos, tendo hum altissimo sentimento por não chegarem já a possuir aquella herança pacifica da terra dos viventes, quero dizer da eterna vida, na qual repousa, & descansa seu affecto, como o corpo descansa na terra.

Os que choraõ, ou estão tristes com aquella santa tristeza, que diz Christo Senhor nosso no Evangelho, tem hũa perfeição altissima, & mui chegada as delicias eternas, sentindo tristeza excessiva em quanto se vêm privados, & ausentes daquelle summo, & eterno bẽ, ao qual suspiraõ com gemidos sentidos de seu coração, alegrandose ao despois com a esperança de que algum dia virão a lograr aquella suave deleite da eterna bemaventurança. Os que tem fome, & sede da justiça vem a ser aquelles que tem perfeito desejo de se ajustarem com a divina vontade, & em tudo lhe ferem



serem agradaveis, qual custuma ser o affecto, & amor daquelles bemaventurados famintos pera com aquella divina iguaria, & dos sequiosos pera apagarem sua sede com a agoa da vida, tem hũa satisfação de consciencia semelhante àquella grande cea da gloria, na qual haverá fartura sem fastio, gozo sem tristeza.

Os misericordiosos com perfeita misericordia possuem hũa felicissima sorte, porque assi como elles livrão aos miseraveis da sua miseria, assi elles serão livres das suas, & beatificados eternamente; & desta ditosa sorte, & colmada dita tem hũa firmissima esperança, que com rezão se pòde chamar principio, q̃ conduz a possessão da ultima felicidade, que he ver, & lograr a soberana vista de Deos nosso Senhor.

Os que são puros de coração chegam nesta vida com aquella perfeição de pureza a hũa noticia, & conhecimento de Deos taõ levantado com o dom do entendimento, que he quasi em certa maneira

*Escola de Oração.*

neira ver a Deos nosso Senhor conforme o entende Santo Thomas 1.2. *quest.* 69. *art.* 2. *ad* 3. o qual diz, que nesta vida, purgada, & limpa a vista interior cõ o dom do Espírito Santo, chamado entendimento em certa maneira se pòde ver a Deos. O que tambem se verifica na divina contemplação, na qual cõmunica o Senhor hũa claríssima luz, & hũa ineffavel noticia de si mesmo.

Os pacificos, são aquelles, que tem composto, & pacificado taõ perfeitamente seu interior, que a parte inferior se rende à superior, & a superior se rende a sua Divina Magestade com hũa rara perfeição, como de muitos Santos se lè, & de pessoas mui espirituaes, as quaes chegaõ a hũa serenidade, & admiravel semelhança de Christo nosso Senhor filho natural de Deos, & os pacificos com singular excellencia se assemelhão com esse Senhor como filhos adoptivos seus.

Os que padecem perseguições pella justiça com grande animo, & fortaleza, chegaõ a hum grao de perfeição, q̃ lhes parece

parece tem em sua mão o Reyno dos Cèos com o testemunho da boa, & pura consciencia nas perseguições, que innocentemente padecem. Estas são as bêmaventuranças, que Christo Senhor nosso prègou acerca das quaes, & dos frutos dellas se ha de advertir, que ainda que se chamem actos dos dons do Espirito Santo, & das virtudes, não se ha de entender, que todos os frutos, ou bêmaventuranças sejam propriamente actos, porque algũas excellencias ha entre elles, que não são propriamente actos, se não hum bosquejo do cèo, & da bêmaventurança celestial, que segue, & acõpanha aos actos, como a paz entre os frutos, & a pureza de coração entre as bêmaventuranças.


13 A noticia, & consideração das bêmaventuranças, & tambem dos frutos ha de servir pera cõsolação das pessoas espirituaes, as quaes sabendo o inestimavel bem, que o Senhor cõmunica a seus amigos ainda nesta vida, hão se de alentar ao trabalho, & hir a diante no caminho

*Escola de Oração.*

inho da perfeição Christãa; serve tam-  
bem (como se disse ahsima tratando dos  
dons) pera os mestres da vida espiritual,  
os quaes em muitas occasioens verão  
quando forem consultados de algúas,  
pessoas os actos deliciosos, & excellen-  
tes, chamados na Theologia fruitos, &  
bemaventuranças, que passaõ em pes-  
soas espirituaes, quando chegão a rece-  
ber visitas, & favores divinos; Que serà  
pera bem dos ditos mestres, & consola-  
ção de seus proximos.

TRATADO X.

*Das graças gratis datas.*

I  INDA que he verdade, que  
as graças, que os Theologos  
chamão gratis datas (q̃ são  
certos dons de Deos nosso  
Senhor em ordem a instruir, & ajudar  
aos proximos pera o caminho da vida  
eterna) costumão communicarse algúas  
vezes aos peccadores; suposto que ordi-  
naria-

nariamente se dão aos justos de excelente santidade, como se ve pellos exemplos dos Santos, que tiverão espirito prophetico, graça de fazer milagres, discripção, & conhecimento de espiritos, & outras semelhantes graças, q̄ ainda em nossos dias se vêm cousas semelhantes em algũas pessoas celebradas por sua virtude, & santidade; & por esta causa convem dar hũa noticia breve destas graças.

2 O Apóstolo, escrevendo aos Corinthios 12. fez hũa lista, & rol das graças gratis datas, em que diz assi: A hum comunica o Senhor pello Espirito o conhecimento da Sabedoria, a outro o da Sciencia, a outro a Fee, a outro a graça de dar saude aos enfermos, a outro de fazer milagres, a outro prophetisar, a outro a discripção dos espiritos, a outro o fallar em differentes lingoas, a outro a interpretação das sagradas letras.

3 A significação, & sustancia destas graças gratis datas conforme S. Thomas 1.2. *quest. 3. art. 4.* he a seguinte, o que o

Apo-

Escola de Oração.

Apostolo disse: *Sermo sapientiae*, sermão, isto he conhecimento de sabedoria, que consiste em hũa rara noticia das cousas divinas, que são as conclusões, q se deduzem, & tirão dos principios, ou Catholicas verdades, que a Fee ensina. A graça da sciencia consiste em hum raro conhecimento de cousas naturaes, & humanas, pera servirse dellas a fim de encaminhar aos proximos às cousas divinas. A graça da Fee não consiste em crer as verdades Catholicas, porque isso he commum a todos os fieis, mas consiste em hũa rara firmeza da Fee, com a qual fica hũa alma idonea, & prompta pera persuadir a todos as verdades divinas. Estas tres graças fervem pera o conhecimêto das cousas divinas em ordem de aproveitar os proximos, & como pera persuadir as cousas sobre naturaes, & divinas, q sobrepoção sobre toda a rezão, não são bastantes rezoões, nem argumentos, se não q se requerem juntamente obras, q sejam proprias da divina virtude: por esta causa communi-

ca o Senhor outras graças, nas quaes vêm os homens effeitos propios da divina virtude, com os quaes se convencem a crerem, que a doutrina, que se lhes prèga he verdadeira, & divina.

4 As graças, que servem pera este fim de confirmar com obras a doutrina, fazendo enfermidades com a divina graça, prophetisar o futuro, & fazer milagres, discernir os espiritos com discricção sobre natural. A graça de farar consiste em dar faude aos enfermos sem medicinas, & sem meynos humanos. A que o Apostolo chamou *Operatio virtutum*. Isto he, a graça de fazer milagres consiste em obralos fomite pera a manifestação do Divino poder, como seria fazer parar, ou escurecer o sol, dividir as agoas do mar, ou dos rios, &c. E o em que se differença esta graça de dividir as agoas, ou parar o sol, da graça de farar enfermidades, a qual, ainda q̄ he obrar milagres, com tudo não he ordenada fomite a manifestar o divino poder, se não tambem ao proveito, remedio, &

## *Escola de Oração.*

consolação dos proximos.

A graça de prophesia consiste em hũ conhecimento sobre natural, ordenado a manifestar aquellas cousas, q̃ só Deos nosso Senhor pôde saber, como saõ aquellas, que estão por vir. A discrição de governar espiritos, & conhecelos cõsiste em a noticia, & conhecimento ordenado a descobrir, & manifestar as cousas ocultas nos coraçõs dos proximos, o que claramente se vê não poder ser, senão com particular luz de Deos nosso Senhor. Estas quatro graças fazem os homês capazes pera confirmar a doutrina Catholica; mas pera a intimar, & persuadir aos proximos com o modo humano, q̃ he fallando, se requerem outras graças, que saõ a graça das lingoas, & a interpretação das palavras.

5. A graça das lingoas consiste em uso das mesmas lingoas daquelles proximos com quem communicão, ou querem cõmunicar, que saõ de diversas especies, concorrendo Deos nosso Senhor no conhecimento das taes lingoas, & na pro-



nunciação, & declaração dellas.

A graça que chamou o Apóstolo interpretação dos sermoões, he do que se falla na propria, ou diversas lingoas; consiste esta graça em hũa conveniente declaração das palavras, conceitos, ou sentenças, que se dizem, & nestas duas graças ultimas se ha de supor, que ha de haver hũa particular força de Deos nosso Senhor em o fallar, & explicar, a fim de persuadir, & induzir os proximos à verdadeira, & viva fee, & conhecimento, & serviço do Senhor. E daqui vem vemos os pregadores Evangelicos, & outros muitos fervos de Deos, que nos sermoões, & conversoens particulares declarão a Sagrada Escritura com hũa tão grande força, & efficacia do espirito, que parece se lhe não pode resistir, senão renderse a


suas espirituaes pa-

lavras.

(:!)

TRATADO XI.

*Dos raptos, visões, & revelações.*

I  Vpondo, que estas tres cousas são diferentes em todo, ou em parte, porque fallando commummente dos raptos, como delles custuma fallar o vulgo, muitos se vem arrebatados, & enganados de seus sentidos, & não se sabe delles, que tenham visões, ou revelações. Sabe-se tambem que muitos tem visões, & não revelações, porque não se lhe descobre, nem revela cousa algũa naquellas visões.

Finalmente de muitos se sabe, q̄ tem revelações, ouvindo algũa palavra interior, ou vendo algũa cousa interiormente, ou de outras maneiras.

2 A ordem de sabedoria divina, que na Escritura Sagrada se descobre, nos livros dos Santos se lê, & em suas vidas, & exemplos se mostra (querendo o Senhor

nhor levar a si quando he servido) as almas com verdadeiros raptos pera mostrarlhes algũa cousa sobre natural, & darlhe a entender, o que significa. De forte que o Espirito de Deos não arrebatata pera si a alma, privandoa do uzo dos sentidos, & potencias, pera tela como embobada, & amortecida se obrar, nem fazer outra cousa, (como quando succede hum accidente, ou delmayo) que disto não succede, né se segue proveito algum, se não quando o Senhor une a si a alma pera fazerlhe algum bem espiritual, o qual custuma fazerlhe pelas visoões, ou revelações convenientes, & de proveito, ou pera a mesma alma, ou tambem às vezes pera bem dos proximos.

3 Decendo pois a tratar do rapto, sua commua definição he a seguinte.

Rapto he hum elevamento causado do Divino Espirito, com o qual suspende a alma, & a eleva a algũa cousa sobre natural com abnegação dos sentidos. Rapto significa forças, ou violencia, a

*Escola de Oração.*

qual consiste não na alma se elevar em Deos, porque isso he cousa conforme a natureza, & a mesma inclinação d'alma: & nenhũa cousa se pôde chamar violência, nem menos que padece nas cousas, que lhe succedem conforme a sua mesma inclinação: se não somente consiste naquelle modo rebatado de levantar-se a alma mais apressadamente, & cõ mayor velocidade, em aquella abnegação de sentidos, que não he conforme sua natureza: como quando hũa pessoa atira hũa pedra cõ força pera baixo não padece nenhũa violencia, porque a pedra se ve lançada pera o seu natural, & centro, se não em ser atirada com mais velocidade, & ligeireza daquella, que com seu pezo natural pudera cahir.

4 O raptõ não consiste na vontade, & menos no apetite sensitivo, se não em as potencias conhecitivas, porque o entendimento he o que com abnegação dos sentidos he arrebatado às cousas intellectuaes, com algũa intellectual visãõ, ou a imaginação com algũa visãõ  
imagi-

imaginaria. A rezão porque o rapto se não pôde produzir pella vontade he, porque sendo a vontade húa propensão, ou inclinação ao bem, quanto mais força, ou vehemencia tivessem até o bê, tanto mais conforme seria a sua inclinação: & por isso tanto estaria mais longe de padecer rapto, nem violencia algũa; com tudo isso a vehemência, & força do affecto da vontade, ou do apetite sensitivo custuma ser causa de muitos raptos, porq̃ pegandose a alma com grande força ás cousas que ama, cõ aquella mesma força move as potencias conhecitivas, àquelles objectos amados, tirando essas potencias conhecitivas com impeto, & força de tudo o de mais, que deordenadamente podia amar.

Tudo isto se deve advirtir, & muito reparar pera julgar, & decernir os raptos naquellas pessoas, que tem affectos vehementes naturaes, com os quaes facilmente se transportaõ, & mudaõ em raptos de pouca substancia, & singeleza, principalmente quando se poem em o-

*Escola de Oração.*

ração có desejo de algũa cousa, às quaes  
pessoas se deve aconselhar, que quando  
se sentem hir elevando, ou inflamman-  
do se devirtão, porque quando os rap-  
tos são verdadeiros, & divinos, ainda q̃  
as taes pessoas procurem resistir quanto  
mais resistirem serãõ nem mais, né me-  
nos arrebatadas.

5 Extasi ordinariaméte significa o mes-  
mo que raptõ, ainda que considerando  
a propriedade do nome ha differença,  
porque raptõ significa violencia, & ex-  
tasi significa hum sahir simples, & sin-  
gelamente fóra de si: & por esta rezão  
convem o extasi à vontade, que sahe, ou  
se move pera a cousa amada, & propor-  
cionadamente pera o appetite sensitivo,  
que tambem faz o mesmo quando ama.  
E estas sahidas quando são vehemétes,  
são causas dos ditos raptos, do entendi-  
mento, ou da imaginação.

6 Acerca dos raptos se hão de advertir  
as causas, ou motivos, que costumão ser  
certos chamamentos, ou toques interio-  
res de Deos nosso Senhor, ou varias ab-  
strações,

straçoões, & suspensoões; com as quaes a Divina Magestade chama a si a alma cõ grande força, como Senhor della. Deftes motivos interiores não he necessario largo tratado, porque podem ser diversos, & sem conto, conforme o Senhor quizer, & for servido, porque já hora com hũa luz, ou illuminação interior, ou já com a doçura extraordinaria, que destilla o apetite sensitivo, ou já cõ hum silvo, ou brado secreto, já de outras maneiras chama, & leva a si a alma com tanta efficacia, & imperio, & claramente mostra, q̃ elle he o Emperador, o Monarca, & Creador de tudo.

7 Tambem se hão de notar, & advertir as impressões, & effeitos, que se vêm nos corpos daquellas pessoas, que padecem arrebatamentos, q̃ costumão ser os seguintes; estar o corpo pasmado, frio, & como morto, & algũas vezes levantar se da terra, & estar suspenso no ar. Ha tambem alguns raptos imperfeitos, q̃ não chegão a tirar tanto de si à pessoa, nem abstrahila tanto de si, que não diga al-

### *Escola de Oração.*

gúas palavras, lance alguns suspiros, & se lhe oução algúas vozes: & algúa vez esta violencia, & força lhe faz deitar fangue pella boca, & outras vezes he o corpo atormentado com tremores, saltos, ou correndo de húa pera outra parte com húa alegria muito do coração, como de muitos Santos se escreve. Esta custuma fer húa suave ebriedade do Espírito Santo, & húa suave suspensão dos sentidos, que só se sabe gozar, mas não se pode explicar.

8 Pois como seja verdade, que as cousas exteriores, que se vêm nos arrebatamentos, ou raptos podem ser obra de Deos, ou do demonio, porque tambem elles podem causar os ditos effeitos nos corpos humanos: quem ouver de fazer juizo destas cousas ha de examinar diligentemente os motivos interiores delles cõ as regras ordinarias das paixões, ou effeitos espirituaes, como a diante diremos no tratado da descripção dos espiritos, fazendo pouco caso do que por fóra se ve nos corpos arrebatados, se



se não concorrem os outros sinaes com evidencia de bons, & seguros fundamentos.

9 Acerca das visoões, ou apariçoës, que succede representarem se nos raptos se ha de advertir, q̄ concorrem duas coufas, hũa he a representação, ou imagem, que podem ser intellectuaes, & imaginarias, conforme for a visaõ: A outra he o juizo, que o homem faz das coufas representadas pellas imagens, que vio. A representação se faz pellas especies intelligiveis, & imaginarias, que são como diversas imagens postas no entendimẽto, ou na imaginação, a qual pòde ser infundindoas Deos de novo, ou servindo das que já estavão no entendimẽto, ou na imaginação, & ordenalas, & compolas de sorte que seão capazes, & convenientes pera representar o q̄ sua Divina Magestade lhe quer revellar. E hase de advertir, que nem o Santo Anjo, nem o demonio podem infundir nas almas novas especies não somente no entendimento, mas nem ainda na imaginação,

ginação, conforme Santo Thomas ; ainda que pode ordenar , compor as especies, ou imagens , que já estão na imaginação pera nellas representarem aquillo, que pretendem. Alem disto o juizo, que o homem faz das cousas representadas, se faz pella luz sobre natural, que Deos nosso Senhor infunde quando revela algũa cousa , & este juizo he a cousa mais nobre quanto às visoões , porque com elle se alcança , & precebe o sentimento , ou conselho de sua Divina Magestade ; & como as visoões sem aquelle juizo , são hũa cousa mui imperfeita , & que se custuma communicar a alguns, q̃ não entendem, o que Deos quer significar, como aconteceu a Pharaõ, & a Nabucdonosor.

10 Acerca destas visoões, ou representações se ha de advertir, que quando succedé aparições exteriores, como a mão, que appareceu a El Rey Balthesar, que escrevia na parede a sentença de morte; & assi mesmo quando se offerecem algũas representações intellectuaes ( das  
quaes

quaes agora não tratamos, como quãdo o Senhor infundio a sabedoria a Salamaõ, & juntamente aos Apostolos com luz sobre natural, não custuma ser com abnegação de sentidos, como succede nos raptos; mas quando o Senhor representa algũa cousa na imaginativa ordinariamente he com ella. A rezão desta differença he, porque em os primeiros casos julga o entendimento, reduzindose às cousas sensiveis E quanto ao terceiro não he assi, antes he necessario, que o homem se abstraça, & retire das cousas sensiveis, vem a ser das cousas exteriores, que movem os sentidos exteriores, pera que a aparição da imaginativa interna não se engane, parecendo-lhe, que ve exteriormente, o que ve, ou conhece com a imaginação; & daqui nasce, que quando a abnegação dos sentidos he imperfeita, não se decirne, né declara bem o que se imagina daquillo que exteriormente se ve, o que haõ de notar, & advertir bem pera julgar com prudencia.

11. As visões intellectuaes, & imaginarias succedem, ou quando a alma se aparta dos sentidos pella força da contéplação, ou por algum arrebatamento.

A visão imaginaria se distingue em tres graos. O 1. he quando apparecem sinaes, ou imagens. O 2. quando não somente se ouvem sinaes, mas ainda se ouvem algũas palavras. O 3. he quando juntamente com os sinaes, & palavras apparece a algũa pessoa, que falla, ou mostra algũa cousa, & este ultimo final he o de mayor estimação. Mas a visão intellectual he mais nobre, & sublime, que todos estes graos, porque se chega mais, & une à visão clara do cèu. Advirtase, que as visões imaginarias estão expostas a muitos perigos, porq̃ o demonio, & a propria imaginação vehemête fingem muitas visões semelhantes às de Deos nosso Senhor; & por tanto as pessoas espirituas as temem, & se apartaõ dellas quanto lhe he possivel.

12. As revelações, que com estas aparições succedem, ( & cõsistem propriamente